

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

ESCOLA DE BELAS ARTES

Programa de Pós-graduação em Artes

Shirley Beatriz de Castro Coury Corrêa

**ARTES VISUAIS E FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA
EM PROJETOS DE EXTENSÃO**

Belo Horizonte
2023

Shirley Beatriz de Castro Coury Corrêa

**ARTES VISUAIS E FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA
EM PROJETOS DE EXTENSÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes.

Área de concentração: Ensino-Aprendizagem em Artes

Orientadora: Dra. Lucia Gouvêa Pimentel

Ficha catalográfica

(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG)

707	Corrêa, S. B. C. C., 1965-
C824a	Artes visuais e formação docente continuada em projetos de extensão
2023	[manuscrito] / Shirley Beatriz de Castro Coury Corrêa. – 2023.
	87 p. : il.
	Orientadora: Lucia Gouvêa Pimentel.
	Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes. Inclui bibliografia.
	1. Universidade do Estado de Minas Gerais. Pró-Reitoria de Extensão – Projeto FIC no Campus – Teses. 2. Extensão universitária – Teses. 3. Formação de professores – Teses. 4. Arte e educação – Teses. I. Pimentel, Lucia Gouvêa, 1947- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS
GERAISESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

FOLHA DE APROVAÇÃO

Folha de Aprovação - Assinatura da Banca Examinadora na Defesa de Dissertação da aluna **SHIRLEY BEATRIZ DE CASTRO COURY CORRÊA** - Número de Registro - **2020681450**.

Título: “**ARTES VISUAIS E FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA EM PROJETOS DE EXTENSÃO**”

Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel – Orientadora –

EBA/UFGM Profa. Dra. Rosvita Kolb Bernardes – Titular –

EBA/UFGM Prof. Dr. Fabricio Andrade Pereira – Titular –

UEMG

Belo Horizonte, 24 de fevereiro de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Gouvea Pimentel, Professora Magistério Superior -Voluntária**, em 01/03/2023, às 22:28, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rosvita Kolb Bernardes, Servidor(a)**, em 02/03/2023, às 10:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabricio Andrade Pereira, Usuário Externo**, em 06/03/2023, às 21:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Lima e Muniz, Coordenador(a)**, em 16/03/2023, às 10:22, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2112472** eo código CRC **8B6DF1F1**.

*O correr da vida embrulha tudo,
a vida é assim: esquenta e esfria,
aperta e daí afrouxa,
sossega e depois desinquieta.
O que ela quer da gente é coragem.*

Guimarães Rosa

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a mim mesma, que consegui completar este ciclo, superando limitações físicas, tecnológicas e momentos de luto.

Aos meus grandes amores: Luís meu esposo, meus filhos Nayhara e Samuel e meus pais Neide e Antônio Amaro (*In memoriam*)

Às *pets*, Felícia, Luma e Cléo pelo amor “canino” e acolhimento nos momentos difíceis além da fiel companhia na tarefa da escrita diária.

Ao meu genro, Fernando, grande incentivador do retorno aos estudos acadêmicos.

GRATIDÃO E AFETO

À Prof^ª. Lucia Gouvêa Pimentel, pela confiança, paciência e ensinamentos durante todo processo de realização deste trabalho.

À Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), especialmente a toda a equipe do Programa de Pós Graduação em Artes da Escola de Belas Artes (PPGARTES/EBA/UFMG), sempre auxiliando a superar os diversos desafios enfrentados pelo ensino remoto durante a pandemia de COVID-19.

À Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), à Faculdade de Educação (FAE) e à ProEx pelo apoio com bolsa de incentivo ao estudante atuante no Projeto de Extensão de Formação Inicial e Continuada de Professores FIC no *Campus*.

À Prof^ª. Liliana Borges, por seu apoio indireto durante todo o projeto e por seu exemplo de valentia e coragem.

À Prof^ª. Daniela Perri, pela delicadeza e escuta.

A toda a equipe do FIC no *Campus*, da Universidade do Estado de Minas Gerais, em especial: Prof^ªs. Telma Martins, Marilene Almeida, Thereza Portes, Cibele Lauria e Prof^ºs. Laurici Vagner, Paulo Lisboa e José Rocha, que muito contribuíram para o progresso da pesquisa de campo.

À Natália Lara, do projeto de acessibilidade PARAMEC em parceria ao Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI), da Universidade Federal de Minas Gerais, por não soltar minhas mãos em nenhum momento.

Aos amigos que direta e indiretamente estiveram comigo durante a caminhada.

“Empreendo, pois, o deixar-me levar pela força de toda vida viva: o esquecimento. Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: Sapientia: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.”

Roland Barthes

RESUMO

Esta dissertação registra as relações encontradas entre as ações de Artes Visuais propostas em projetos de extensão que se destinam à formação continuada de professores e sua reverberação nas ações docentes dos participantes. Além dos estudos baseados em publicações das áreas de Artes e de Educação, foi feito um estudo de caso no projeto FIC no Campus da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, com o intuito de levantar dados para as discussões pertinentes ao tema. Foram detectados benefícios relacionados à ampliação do entendimento de professores e estudantes de outras áreas do que sejam as artes visuais, evidenciando a necessidade de elas estarem presentes na formação inicial docente.

Palavras-chave: formação de professores; projeto de extensão; FIC no Campus.

RESUMEN

Esta tesis registra las relaciones encontradas entre las acciones de artes visuales propuestas en proyectos de extensión que se destinan a la formación permanente de docentes y su repercusión en las acciones docentes de los participantes. Además de estudios basados en publicaciones en las áreas de Artes y Educación, se realizó un estudio de caso en el proyecto *FIC no Campus* de la Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, con el objetivo de levantar datos para discusiones relevantes al tema. Se detectaron beneficios relacionados con ampliar la comprensión de docentes y estudiantes de otras áreas distintas a las artes visuales, destacando la necesidad de que estén presentes en la formación inicial docente.

Palabras clave: formación docente; proyecto de extensión; FIC no Campus.

Lista de Figuras

Figura 1 - Desenho da logomarca FIC no Campus	23
Figura 2 - Oficina de Desenho no Circuito Praça da Liberdade - Escola de Design (UEMG)	31
Figura 3 - Oficina de Dança Circular no Circuito Praça da Liberdade - Escola de Design (UEMG)	31
Figura 4 - Toalha bordada Roda de conversa FIC no Campus. Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus	32
Figura 5 - Toalha bordada FIC no Campus	33
Figura 6 - Toalha bordada FIC no Campus	33
Figura 7 - Toalha bordada FIC no Campus	35
Figura 8 - Visitação cultural do Conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim	36
Figura 9 - Visitação cultural do Conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim	37
Figura 10 - Visitação cultural do Conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim	37

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Levantamento das ações do FIC no Campus entre 2016 e 2020	26
Tabela 2 - Participantes da pesquisa	44

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 AS ARTES VISUAIS E A FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA.....	12
2.1 Arte e formação humana	12
2.2 Formação, saberes, uma proposta docente continuada	15
3.3 Arte e formação docente: experiências e diálogos.....	20
3 CONTRIBUIÇÕES DA AÇÃO EXTENSIONISTA PARA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA	22
3.1 Extensão Universitária: um processo formativo	22
3.2 Extensão na UEMG: Itinerário da Extensão na Universidade do Estado de Minas Gerais	27
3.3 Encontros de formação FIC no Campus: ações e reverberações de 2017 a 2019	33
3.4 FIC no <i>Campus</i> durante a pandemia de COVID-19	46
4 AS ARTES VISUAIS E A FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA.....	49
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	73
REFERÊNCIAS.....	75
APÊNDICES.....	81
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	82
APÊNDICE B – Questionário	85

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação foi inspirada em minha trajetória de formação acadêmica em Pedagogia e em Licenciatura em Artes Visuais, em que participei como bolsista e voluntária em projetos de extensão de formação de professores na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). A formação continuada de professores era desenvolvida no projeto de extensão *FIC no Campus*, um projeto de extensão que objetiva articular ações voltadas para formação inicial e continuada de professores por meio de encontros e seminários desenvolvidos pelos professores de várias unidades da UEMG em Belo Horizonte. Essas oficinas temáticas despertavam o fazer artístico e os relatos de experiências docentes, bem como a articulação entre a formação inicial e continuada. Assim, os projetos de extensão me oportunizaram o entrelaçamento das Artes Visuais com o espaço universitário para além das salas de aula, visto que essas ações envolviam a arte¹ urbana, cinema, dança, design, fotografia, música e teatro, que sugestionaram investigação sobre os processos artísticos

Finalizada a graduação, o envolvimento com as Artes Visuais e a formação continuada de professores ainda se fazia presente. Permaneci nesse itinerário envolto na construção de conhecimento propiciada pelo projeto de extensão, atuando na preparação de seminários, rodas de conversas, oficinas e outras ações oportunizadas pela formação continuada de professores.

Esse caminhar provocou o deslocamento para a pesquisa, percebendo que as Artes Visuais se apresentavam como um campo amplo de possibilidades de experimentação de processos criativos e de interação entre os participantes em projeto de extensão da formação docente.

Muitas inquietações surgiram durante o itinerário acadêmico envolvido pelas ações de Artes Visuais que estavam em projetos de extensão multidisciplinares, organizados por professores de diferentes áreas de conhecimento. Assim, surgiram diversas dúvidas: Como o envolvimento das Artes Visuais poderia colaborar para a elaboração de novas práticas docentes? A interação entre docentes de diferentes áreas de conhecimento, professores artistas ou não, pode influenciar na construção de saberes em Artes Visuais?

Diante do interesse em abordar esse assunto, a pesquisa que embasou esta dissertação direcionou-se para entender como as intervenções no campo das Artes Visuais propiciadas

¹ Neste texto Arte (letra maiúscula) refere-se como componente curricular na educação básica e arte em minúscula a arte de maneira geral.

pelos artistas/professores no projeto de extensão *FIC no Campus* da UEMG, poderiam ou não, reverberar na formação dos participantes em relação às suas práticas docentes. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de caráter qualitativo e exploratório. O grupo pesquisado constituiu-se de professores, estudantes e funcionários da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) participantes do projeto de extensão de formação continuada de professores *FIC no Campus* da UEMG, no período de novembro de 2021 a março de 2022.

O presente trabalho foi estruturado em três capítulos, buscando apresentar as Artes Visuais, a formação docente continuada e a extensão universitária. O primeiro capítulo trata das Artes Visuais no processo de formação e nos processos criativos voltados para a formação humana, bem como dos saberes como proposta docente continuada. O segundo capítulo apresenta o aporte teórico que embasou a pesquisa, a extensão na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), as contextualizações e os desdobramentos, além do itinerário da formação inicial e continuada de professores na Faculdade de Educação na UEMG, por meio do projeto FIC na FaE e as ações de Artes Visuais nos encontros de formação no projeto de extensão de formação continuada de professores *FIC no Campus* e sua reverberação para a prática docente. No terceiro capítulo, as Artes Visuais e a formação docente continuada são exploradas, analisando os efeitos das ações de arte para a prática docente, por meio dos relatos e entrevistas com os professores participantes do projeto *FIC no Campus*. Para essa análise, foram utilizados os levantamentos teóricos e documentais do projeto de extensão, desde sua concepção em 2016 até 2020, a fim de estabelecer diálogo com os autores que pudessem contribuir com conceitos pertinentes ao tema investigado. Por fim, as Considerações Finais, as Referências e os Apêndices.

2 AS ARTES VISUAIS E A FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA

Uma das bonitezas de nossa maneira de estar no mundo e com o mundo, como seres históricos, é a capacidade de, intervindo no mundo, conhecer o mundo. Mas, histórico, como nós, o nosso conhecimento do mundo tem historicidade.

Paulo Freire

2.1 Arte e formação humana

A arte integra a vida humana, constituída em cada indivíduo a partir de diferenças únicas interligadas. Assim, de acordo com as vivências culturais, o senso estético e artístico se constrói de maneira singular e significativa para cada sujeito (FERRAZ; FUSARI, 2009).

A arte está presente desde a origem da civilização e pode ser considerada um elemento indispensável e essencial de humanização, que acompanha todo o processo. A arte pode contribuir vastamente com esse processo, como afirma Fischer:

[...] toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1987, p.17).

As expressões humanas em suas complexas relações no campo da arte podem ser percebidas de maneiras distintas, pois o conhecimento “[...] enquanto necessidade humana de autopercepção e rompimento de limites, é absolutamente um campo inesgotável de possibilidades ideológicas e arranjos sociais intrínsecos” (PEREIRA, 2014, p.20). Fischer (1987) destaca a arte como necessidade e a associação intrínseca entre a representação artística e os ambientes de expressão. Para Ferraz e Fusari (2009, p.18), “o valor da arte está em ser um meio pelo qual as pessoas expressam, representam e comunicam conhecimentos e experiências”.

De acordo com Libâneo (2000), por efeito da globalização da sociedade, percebe-se que a humanidade está passando por constantes processos de transformação. E tais mudanças trouxeram novas exigências formativas ligadas aos avanços científicos e tecnológicos contemporâneos. Em meio a essas mudanças e novas exigências que envolvem a formação humana, entende-se que as transformações podem ser provocadas ao pensar em proposições e conhecimentos de arte.

Libâneo recorda que as transformações ocorridas nas sociedades pós-industriais ocuparam lugar central entre a informação e o conhecimento, alcançando consideravelmente as escolas e os trabalhos dos professores. Esse momento suscita a necessidade de uma desenvoltura profissional para acompanhar essas transformações, tais como uma formação ética, intelectual, uma percepção estética e a compreensão da identidade humana (LIBÂNEO, 2000).

Diante desses elementos e das demandas do mundo atual, as Artes Visuais se configuram como um importante recurso para o desenvolvimento do conhecimento, oportunizando as inovações e melhorias dos processos que atendam às novas exigências educacionais e à profissão docente.

Pereira (2014, p.20) ressalta que, a partir do “desenvolvimento tecnológico, as barreiras culturais se estreitaram na contemporaneidade”, o que possibilitou ampliar o contato entre artistas e suas diversas premissas. O autor também pontua que a importância da arte na formação humana ultrapassa o senso do belo e estilístico, ela é parte dos indivíduos, uma vez que o ser humano não é completo sem a possibilidade de criar, inventar, encantar, se expressar, ensinar e aprender. Dessa maneira, a arte se apresenta como um campo de conhecimento que oportuniza a troca de experiências e a fixação dos saberes (PEREIRA, 2014). Por esse motivo, um indivíduo que tem maior contato com a arte em sua formação tende a desenvolver maior raciocínio, pensamento lógico, poder de síntese, articulação, engajamento e interação com o meio em que vive.

No universo das artes, destaca-se o papel das Artes Visuais. Essa forma de expressão e construção de conhecimento permite um profícuo diálogo entre criadores e observadores. Além disso, possibilita a construção de processos criativos consistentes, perenes e socialmente relevantes. As Artes Visuais são manifestações artísticas que podem ser apreciadas de diversas maneiras, as quais podem contribuir para a construção do conhecimento por meio dos sentidos. Compreende-se que seu campo de expressão é muito amplo, já que abarca diversas modalidades artísticas, como a cerâmica, desenho, pintura, escultura, gravura e fotografia, dentre outras².

No contexto educacional, a arte pode consolidar saberes, conforme apontado por Pimentel:

² Disponível em <https://www.significadosbr.com.br/artes-visuais>. Acesso em: 24.08.2022.

Considerando que a arte é importante fonte de construção de conhecimento e que o estudo de seus objetos atua de maneira imprescindível na formação educacional da nossa sociedade, e que existe lugar para inserção de diversos paradigmas na construção educacional de nosso País, tendo a arte um lugar ímpar de cooperação para a compreensão de nossa identidade humana (PIMENTEL, 2006, p.13).

Considerando-se que “é também através de nossos sentidos que o conhecimento se constrói” (PEREIRA, 2006, p.29), arte e formação humana são temas que se apresentam no meio acadêmico e oportunizam pensar em proposições e práticas na perspectiva emancipatória de educação rumo ao conhecimento. A formação humana e a arte se apresentam como um campo amplo para articular discussões, criar e desenvolver novas práticas necessárias para o trabalho intelectual, interativo e comunicacional que suscitam a reorganização docente. Libâneo (2000, p.27) recorda sobre a necessidade de “articular a capacidade de receber e interpretar informação com a de produzi-la”, que auxiliam os alunos a tirar proveito de seu potencial de pensamento e a tomarem consciência de seus próprios processos mentais.

Segundo Pereira (2014, p. 15), “a arte se encontra em pleno processo de reconhecimento e autoconhecimento no âmbito educacional”. Por esta razão, compreende-se que a presença da arte articulada à formação docente se apresenta como um amplo campo de possibilidades para a compreensão do contexto ao entorno. A partir dessas premissas, compreende-se que o campo artístico oferece uma série de elementos para se desenvolver trabalhos criativos e promover o reconhecimento, o autoconhecimento, os processos formativos-reflexivos, críticos e estéticos (PEREIRA, 2014). O entrelace de formação e arte pode ser uma possibilidade para processos de “construção de conhecimento e sentido para as experiências” (LOYOLA; PIMENTEL, 2016, p. 2). Portanto, pode ser relevante oferecer uma “abertura de margens para cruzamentos e hibridismo, tanto de conhecimentos quanto de procedimentos, tecnologias, materiais e objetos, algumas vezes, inusitados” (REY, 2002, p.123).

Para Dermeval Saviani (1995; 2012), em sua *Teoria da pedagogia histórico-crítica*, a formação escolar deve ser pautada no desenvolvimento do indivíduo de forma crítica, possibilitando aos estudantes compreenderem os conteúdos, refutando a sistemática meramente reprodutiva. Como premissa, busca a superação do senso comum e a integração do indivíduo ao seu meio sociocultural.

Ao se desenvolver novos processos criativos que envolvam práticas docentes crítico-reflexivas, pode-se oportunizar, aos envolvidos no processo de formação profissional, elementos para construção de novas ideias ou o aperfeiçoamento de ações já desenvolvidas,

melhorando projetos e a vida da sociedade como um todo. Esse processo de desenvolvimento docente é conhecido como *formação docente continuada* (LIBÂNEO, 2000).

Para Nóvoa, a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, propiciando aos educadores “os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada” (NÓVOA, 1995, p.25). Para este autor, a formação demanda um investimento pessoal, com liberdade para desenvolver trabalhos criativos, voltados para a construção de uma identidade profissional própria.

A importância das Artes Visuais na formação continuada de professores se consubstancia na oferta de elementos para criação de novas práticas que visam a um maior alcance no processo de aprendizagem e na diversidade de experimentações entre os docentes envolvidos. Por esse motivo, há a preocupação e busca constante por aprimoramento na formação docente para edificar propostas que melhorem os programas destinados à formação continuada de professores.

Diante dessas considerações que envolvem a formação docente, descortina-se a necessidade de se pensar em novas estratégias de superação que visem saber pensar de modo reflexivo e criar práticas voltadas para a construção do conhecimento.

2.2 Formação, saberes, uma proposta docente continuada

Saber-se professor é saber-se aprendente contínuo de novidades ensinantes.

Lucia Gouvêa Pimentel

A formação docente é um campo da área da Educação que discute a formação de professores, seus saberes e práticas. Entende-se que é preciso estar atento às mudanças e necessidades voltadas para a produção de conhecimentos pertinentes ao desenvolvimento humano.

Os espaços de diálogos, as interlocuções, as trocas de experiências e os estudos compartilhados entre educadores abarcam intenções para a formação humana, como analisa Arroyo:

Para Paulo Freire, o caráter renovador da educação está no caráter intrinsecamente renovado de toda a relação humana, entre humanos. Formamo-nos no diálogo, na interação com outros humanos, não nos formamos na relação com o conhecimento. Este pode ser mediador dessa relação como pode também suplantar essa relação (ARROYO, 2001, p. 47).

Esse é um tema de grande relevância e crescente discussão, relatado em pesquisas que discutem as diversas transformações e processos que envolvem o campo educacional. Adequar-se aos contextos sociais, históricos e culturais é o grande desafio para a formação docente (NÓVOA, 1995).

Nóvoa (2017) recorda ser inadmissível que a universidade apenas oportunize a aprendizagem acadêmica dos conteúdos. Para ele, é necessário que, durante a formação docente, os professores sejam estimulados a pensar reflexivamente a vida cotidiana para entenderem acerca de conhecimentos científicos e culturais. O autor compactua com a ampliação e o aprofundamento de conhecimentos em diversas áreas de atuação para o desenvolvimento profissional docente, destacando a importância de parcerias entre a universidade, a escola e a formação continuada de qualidade (NÓVOA, 2017). Freire (1996) destaca que é preciso reorientar os professores pesquisadores inovadores e progressistas para que esses profissionais de educação sejam comprometidos com as mudanças educacionais que se fazem tão necessárias e urgentes no contexto não somente educacional do Brasil, mas de maneira global, levando em consideração as mudanças da sociedade e o modo de vida dos estudantes.

Para desvendar a natureza dos saberes docentes, Tardif (2012) estabelece os fundamentos, suas origens, composições e influências. Ele estabelece que o saber docente não é oriundo apenas da formação inicial, mas edificado durante a trajetória do estudante, podendo ser utilizado ou não na prática profissional. Compreende-se que o saber está relacionado com a pessoa, sua identidade, sua experiência, sua história profissional e com seus atores do âmbito escolar (TARDIF, 2002).

No campo da formação inicial e continuada observa-se a necessidade de considerar os múltiplos saberes dos educadores na formação, buscando a unidade entre teoria e prática (TARDIF, 2002). Os saberes não podem ser separados de outras dimensões do ensino e Tardif (2012) considera que o professor é um sujeito ativo na produção do conhecimento, desde a formação inicial.

Tardif (2012) destaca o trabalho e os saberes docentes compreendidos em quatro categorias: experienciais, curriculares, disciplinares e profissionais. Os saberes experienciais são aqueles que envolvem o saber prático, produzido por meio da práxis. Os saberes curriculares compreendem o conjunto de conteúdos que serão apresentados na instituição escolar, seus objetivos, conteúdos e métodos. Os saberes disciplinares são inerentes ao campo do saber. Os

saberes profissionais são os saberes produzidos por teóricos, abordados nas licenciaturas. Para o autor, a sintonia desses elementos suscita reflexões, fomenta o desenvolvimento de novas práticas educativas, além de promover a melhoria da qualidade de ensino (TARDIF, 2012).

Nóvoa (1995) afirma que a formação humana também é constantemente construída na aproximação com esses saberes docentes e suas necessidades, promovendo debates acerca da formação de professores e seus atores. Um momento que possibilita a interlocução e expectativas de transformações rumo a uma formação emancipadora:

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas assim através de um trabalho de flexibilidade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. O processo de formação está dependente de percursos educativos. O processo de formação alimenta-se de modelos educativos, mas asfixia quando se torna demasiado "educador". A formação vai e vem, avança e recua, construindo-se num processo de relação ao saber e ao conhecimento (NÓVOA, 1995, p. 25).

Nóvoa (2017) reporta que a formação não é constituída somente pela quantidade de métodos ou procedimentos, mas como uma ação de reflexividade crítica sobre os julgamentos e sobre a construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir na pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência, visto que esse engajamento profissional voltado para a formação humana poderá oportunizar produções de trabalhos acadêmicos e desvelar realidades e experiências oriundas de suas trajetórias docentes.

Diante desse cenário, o autor pontua a necessidade de qualificar a formação de professores, compartilhando experiências de práticas pedagógicas, bem como de ampliar os canais de comunicação também com os acadêmicos, para que a formação docente se torne realmente qualificada e eficaz. Isso ocorre visto que está em formação demanda um processo de identidade profissional requer investimento pessoal, trabalho livre, criativo, de percursos e projetos, rumo à construção dessa identidade (NÓVOA, 1995).

Sob a égide dos teóricos que discutem a formação continuada, o pensamento crítico e a reflexão sobre a prática são questões muito discutidas no campo educacional. Segundo Tardif (2002), aqueles saberes que os professores e professoras vão construindo ao longo do tempo de sua própria docência são saberes importantes e que demonstram suas experiências.

Percebe-se que tais experiências de saberes e práticas construídas ao longo da carreira docente demandam respeito e consideração. Tais princípios nos conduzem ao pensamento de Freire, que sustenta a prática dialógica nas relações humanas, a compreensão de que os indivíduos são capazes de desenvolver o senso crítico, a reflexão e o compartilhamento de

saberes, mas que precisam suprimir o saber ingênuo, recordando que: “O saber que a prática docente espontânea ou quase espontânea, [...] indiscutivelmente produz um saber ingênuo, um saber feito, a que falta a rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito” (FREIRE, 1996, p.43).

Para Freire (1996), os saberes ingênuos precisam ser superados para alcançar a rigorosidade metódica que configura o ensino crítico. Já Gadotti (2011) afirma que a formação de professores pode ser um espaço para discussão de práticas pedagógicas, construção do conhecimento e trocas de experiências que contribuem para o processo de desenvolvimento profissional.

Na obra “Pedagogia da Autonomia”, Paulo Freire (1996) enfatiza que ensinar exige reflexão crítica sobre a prática pedagógica. O ensino e a aprendizagem demandam um movimento dinâmico e dialético, entre o fazer e o pensar sobre o próprio fazer. No entanto, para Freire, esses saberes ainda não alcançaram a exigência metódica que caracteriza o ensino crítico, que ele considera incipientes e fundamentais. Assim, a reflexão crítica é o ponto de partida para a prática docente, mas ela somente não é o suficiente (FREIRE, 1985).

Compreende-se que, para a superação da ingenuidade dos saberes, estes devem ser produzidos pelo próprio aprendiz e fundamentados pelos conhecimentos e estudos acadêmicos. No entanto, esse diálogo deve ser constante, dinâmico e dialético para impulsionar a compreensão e o desenvolvimento de uma educação libertadora, além da criação de práticas crítico-reflexivas. Essa formação é permanente e fundamental para o desenvolvimento da reflexão crítica sobre a prática, evitando a reprodução de erros e alcançando um envolvimento coletivo que oportunize o desenvolvimento profissional mais participativo, crítico e reflexivo frente às mudanças da sociedade e as demandas educacionais (FREIRE, 1985).

Na visão freireana, considera-se relevante que o educador desenvolva, durante a sua própria formação, um “pensar certo”, não restringindo-se apenas guiar-se por manuais de pedagogia. Para Freire, pensar certo “significa procurar descobrir e entender o que se acha mais escondido nas coisas e nos fatos que nós observamos e analisamos” (FREIRE, 1989, p. 43). E ainda que compreender o que se faz é perceber a relação intrínseca entre teoria e prática, para aproximá-la da ação docente. É possível notar também que “[...] uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiado certos de nossas certezas” (FREIRE, 1996, p. 30).

Inúmeros são os desafios que envolvem a profissão docente, dentre elas a necessidade de os professores se manterem atualizados a respeito das novas metodologias de ensino e de

desenvolverem práticas pedagógicas mais eficientes voltadas para o interesse dos estudantes. Com o intuito de suprir essa demanda, surgiu a formação profissional continuada, um processo de contínua profissionalização e desenvolvimento do indivíduo em diversas áreas do conhecimento (NÓVOA, 2017).

A formação docente continuada refere-se a um processo permanente de aperfeiçoamento de saberes docentes, para a realização de atividades no campo da educação (LIBÂNEO, 2004). O autor destaca a necessidade de se desenvolver processos formativos mais reflexivos, a fim de contemplar práticas colaborativas voltadas para o aperfeiçoamento e a inovação.

O termo 'formação continuada' vem acompanhado de outro, a formação inicial. A formação inicial refere-se ao ensino de conhecimentos teóricos e práticos destinados à formação profissional, completados por estágios. A formação continuada é o prolongamento da formação inicial, visando o aperfeiçoamento profissional teórico e prático no próprio contexto de trabalho e o desenvolvimento de uma cultura geral mais ampla, para além do exercício profissional (LIBÂNEO, 2004, p. 227).

A formação continuada é a oportunidade para a construção de novos conhecimentos. Isso ocorre tendo em vista que não basta concluir a formação inicial, o prolongamento da formação docente é necessário para corroborar com o processo de desenvolvimento, para além do exercício profissional (LIBÂNEO, 2004).

A formação continuada realizada com reflexão crítica, levando em consideração a realidade e os interesses dos estudantes, tende a ser um caminho para um desenvolvimento profissional de qualidade, já que, segundo os pressupostos de Freire (1996, p.43), “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Neste sentido, a formação pode ser um meio para a criação de práticas alinhadas aos interesses dos estudantes, oportunizando a construção de conhecimento.

Compreende-se que pensar na formação continuada é perceber indicativos que acionem o educador para desenvolver uma educação libertadora, com contribuições e desenvolvimento de práticas crítico-reflexivas. Sob a perspectiva de Freire (2011), a fim de maior compreensão da prática pedagógica como processo de conhecimento ampliado, para aprender, é construir, refletir e mudar. Gadotti caminha na mesma perspectiva:

A formação continuada do professor deve ser concebida como reflexão, pesquisa, ação, descoberta, organização, fundamentação, revisão e construção teórica e não como mera aprendizagem de novas técnicas, atualização em novas receitas pedagógicas ou aprendizagem das últimas inovações

tecnológicas. A nova formação permanente, segundo essa concepção, inicia-se pela reflexão crítica sobre a prática (GADOTTI, 2011, p. 41).

Para compreender a complexidade dessa temática, a teoria da pedagogia histórico-crítica, preconizada por Demerval Saviani (1995; 2012), instiga reflexões e posicionamentos que permeiam o campo educacional e a formação humana. Por meio de bases teóricas sólidas, apoiadas na reflexão filosófica e no conhecimento científico, ele aponta que a formação docente é capaz de contribuir para fundamentar o conhecimento e desenvolver ações transformadoras no campo educacional alicerçadas à formação humana (SAVIANI, 2012).

Percebe-se que esse movimento ainda é considerado por muitos docentes um desafio que demanda construção coletiva. Porém, se realizada com reflexão crítica, que considere a realidade e os interesses dos docentes, tende a ser um caminho potencial para atender às novas exigências educacionais. Tais exigências reivindicam a formação de professores, ações profissionais especializadas para desenvolver o domínio de conhecimentos e técnicas relativos à ação intencional e sistematizada (LIBÂNEO, 2004).

3.3 Arte e formação docente: experiências e diálogos

A arte pode ser um meio profícuo para se disseminar novas ideias e conhecimentos (FISCHER, 1987). Observa-se que os primeiros registros humanos nas paredes das cavernas já sinalizavam uma experiência artística. E, através das eras, cada vez mais a arte vem auxiliando a humanidade a se expressar melhor e entender o mundo ao seu redor. Para Vygotsky (1999), a arte sistematiza o campo dos sentimentos do ser humano social. Nesse viés, entende-se relevante pensar na importância da presença da arte na formação docente.

O envolvimento das Artes Visuais na formação continuada de professores pode representar uma oportunidade para se dialogar, socializar, refletir e discutir sobre práticas pedagógicas. Sendo assim, Barbosa (2016), em entrevista, destaca que o “contato com a Arte é importantíssimo [...] para dar respostas transformadoras à realidade, [...] retirando as arestas, usando seu pensamento abstrato e trazendo aquilo que é essencial”. Também reconhece que “uma sociedade só é artisticamente desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público” (BARBOSA, 2012, p.33).

Para que a arte possa percorrer esses caminhos do conhecimento e práticas fundamentadas, além de oportunizar variedades de temas e abordagens flexíveis, Pimentel

(2010, p. 24) afirma ser necessário pensar que “a arte está em constante mudança de formas, de materiais e de temáticas que refletem o pensamento humano”. Destaca-se ser de grande relevância o transitar da arte na formação, a fim de oportunizar experiências voltadas para construção de conhecimento.

Vygotsky aborda três zonas distintas da aprendizagem humana: i. saberes na zona de desenvolvimento real: são aqueles que o indivíduo já sabe; ii. saberes na zona de desenvolvimento próximo (ZDP): são aqueles que o indivíduo pode aprender com ajuda de terceiros, aprendizagens que estão emergindo; iii. saberes fora da ZDP: aqueles que ainda não tem condições de aprender nem mesmo com a ajuda de outros (VYGOTSKY, 2008),

Os estudos de Vygotsky apontam para a capacidade do conhecimento localizado na ZDP ser consolidado como um conhecimento real e, à medida que os saberes vão sendo apreendidos, aqueles que antes faziam parte do universo desconhecido passam a integrar a ZDP, colaborando na construção de um conhecimento autônomo (VYGOTSKY, 2008).

Em relação à arte, Vygotsky considera que:

A arte está para a vida como o vinho está para a uva - disse um pensador, e estava coberto de razão, ao indicar assim que a arte reconhece da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material (VYGOTSKY, 1999, p.308).

Nessa vertente, entende-se que a presença das Artes Visuais na formação continuada de professores muito pode contribuir para a construção do conhecimento autônomo, uma vez que saberes que antes eram desconhecidos passam a ser aprendizagens possíveis, elevando o grau de conhecimento do indivíduo de forma consistente e progressiva.

Fischer corrobora com os pressupostos desenvolvidos por Vygotsky (1999):

O desejo do homem de se desenvolver e completar indica que ele é mais do que um indivíduo que só pode atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que um homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo de que a humanidade como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para essa união do indivíduo como o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para circulação de experiências e ideias. (FISCHER, 1987, p.13)

Nessa direção, compreende-se que a construção de conhecimento pode ser uma conquista coletiva que agrega diversos saberes para a formação continuada de professores.

3 CONTRIBUIÇÕES DA AÇÃO EXTENSIONISTA PARA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA

Não há educação fora das sociedades humanas e não há homem no vazio.

Paulo Freire

3.1 Extensão Universitária: um processo formativo

O ensino superior no Brasil surgiu tardiamente, adquirindo cunho universitário por volta da década de 30 em contraste com alguns países da América espanhola que constituíram as primeiras universidades ainda no período colonial (SAMPAIO, 1991). O envolvimento extensionista despontou posteriormente através de movimentos sociais estudantis e foi somente em 1975 que se instituiu uma política de extensão nas instituições de ensino superior, elaborada pelo Ministério da Educação brasileiro (NOGUEIRA, 2005).

Constitucionalizada pelo princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, em 1988 (SAMPAIO, 1991), a extensão universitária é considerada um instrumento de oportunidade para cumprir a sua função social centralizada nos eixos da autonomia e o compromisso com a comunidade na qual está inserida, que demanda significativas reflexões no meio acadêmico (GADOTTI, 2017). Para Nogueira (2013), é papel da extensão desenvolver atividades acadêmicas voltadas para a democratização do conhecimento produzido e ensinado na universidade, criticamente, viabilizando o atendimento às necessidades urgentes da população e na reconstrução de uma sociedade mais justa.

No ensaio publicado por Paulo Freire em 1977, sob o título *Extensão ou Comunicação?*, ele apresentou uma pesquisa semântica do termo extensão e as questões equivocadas sob uma ordenação lógica de conceitos. Freire (1977) procurou analisar o problema da comunicação e realizar uma análise global do trabalho do agrônomo e do camponês, no processo de desenvolvimento da sociedade agrária que estava se criando na comunidade local.

Entende-se a relevância do tema para enriquecer a discussão e realizar a reflexão crítica do conceito de extensão, quando Paulo Freire afirma que “Educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores, que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1977, p.69). Quando se desempenha o papel de apenas transmitir a informação técnica, desconsiderando o conhecimento global do educando isso constitui, na visão freireana, uma invasão cultural.

Observa-se que tal descompasso poderá comprometer ações formativas realizadas pela extensão universitária no Brasil. Por esse motivo, é de extrema importância realizar ações

formativas significativas que democratizam o conhecimento, visto que favorecem “maior esclarecimento em benefícios reais sujeitos de toda ação educativa: os homens que trabalham para sua própria realização humana” (FREIRE, 1977, p.16).

Vale destacar que foram nos anos de 1970 e início de 1980, que a extensão construiu o seu conceito, apresentando características marcantes de produção de saberes para a democratização da Universidade e operando mudanças significativas para a sociedade. Desde os primeiros encontros, iniciados no final da década de 1980, o Fórum de Pró-reitores de Extensão foi considerado “ator social em permanente construção, reconhecido no meio acadêmico, na esfera da administração federal e por entidades públicas e privadas como um interlocutor privilegiado no debate sobre a extensão” (NOGUEIRA, 2013, p.35).

O I Forproex das Universidades Públicas Brasileiras apresentou a seguinte definição de Extensão:

[...] o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade da elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Este fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados/acadêmicos e populares, terá como consequência: a produção de conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e regional; e a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade. Além de instrumentalizadora deste processo dialético de teoria/prática, a extensão é um trabalho interdisciplinar que favorece a visão integrada do social (FORPROEX, 1987, p. 11).

Com o propósito de fazer uma conexão entre a universidade e os diversos setores da sociedade, a Extensão Universitária apresenta na sua trajetória registros de articulação de conhecimentos científicos e/ou assistência à comunidade, daí a complexidade do tema que transita por vários desafios.

Ferreira e Azevedo (2019) também apresentaram a seguinte análise:

A extensão universitária é um campo marcado pela potencialidade e pelos desafios. Por um lado, apresenta-se como espaço de atuação da universidade junto à comunidade, o que representa possibilidades inúmeras de socialização dos saberes docentes e discentes construídos no âmbito acadêmico, além do contato com os saberes produzidos fora dele. Por outro, o trabalho extensionista pode incorrer no risco de se fazer a partir de uma concepção hierarquizada do conhecimento, considerando a comunidade e os sujeitos que

a compõem como destinatários passivos do saber produzido pela academia (FERREIRA; AZEVEDO, 2019, p.36).

Compreende-se que os projetos de extensão devem integrar a pesquisa em um processo interdisciplinar para promover uma interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade. Gadotti (2017) considera ser relevante na formação que o público participe compartilhando seus conhecimentos com os especialistas, levantando questões, trazendo reflexões, questionando, reconhecendo que a extensão é formativa. Saviani (2012) recorda que esta formação necessita ser pautada no pensamento crítico, que oportuniza refletir e estimular a construção e trocas de conhecimento que visam preservar, promover a cultura, os valores humanos, incentivando a valorização e responsabilidade social.

Freire (1977) convida a refletir que, apenas a pessoa humana é capaz de objetivar a realidade e refletir a respeito dela. Percebe-se que a extensão e a universidade enquanto órgão formador, apresentam-se como campos amplos de possibilidades para promover momentos de reflexão da realidade do indivíduo e seu entorno ou estabelecer parcerias a fim de contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Para Santos Júnior (2013) é fundamental que a Extensão Universitária se torne um instrumento de mudança social em direção à justiça, à solidariedade e à democracia. Por esta razão, considera-se ser de grande relevância oportunizar uma discussão sobre a prática de atividades de Extensão Universitária, seus desafios, o compromisso com a formação acadêmica nas diversas áreas do conhecimento. Gadotti (2017) reforça a necessidade de que este diálogo seja capaz de trazer o conhecimento que está na comunidade, não somente para a produção acadêmica, mas também para a curricularização de saberes. Ele afirma que não é recente a discussão pois ela surgiu inicialmente no Plano Nacional de Educação 2001-2010 em suas metas 21 e 23, estabelecendo a “obrigatoriedade de 10% dos créditos curriculares exigidos para a graduação, integrados em ações extensionistas” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Saviani (2012) recorda que as atividades desenvolvidas pela extensão universitária devem ser calcadas no modelo conceitual da pedagogia crítica, pluralizando o conhecimento, preservando a cultura por meio do ensino, ampliando a cultura pela pesquisa e articulando o conhecimento pela extensão. Freire (1977) destaca a importância da extensão para promover uma educação dinâmica, ética, humanizada e comprometida com o meio que se está inserido.

[...] o termo extensão, na acepção que nos interessa aqui [...] indica a ação de estender e de estender em sua regência sintática de verbo transitivo relativo, de dupla complementação –: estender algo a. Nesta acepção, quem estende,

estende alguma coisa (objeto direto da ação verbal) a ou até alguém – (objeto indireto da ação verbal) – aquele que recebe o conteúdo do objeto da ação verbal (FREIRE, 1977, p.20).

Percebe-se que a extensão universitária demanda autonomia, criticidade para desenvolver ações, processos de aprendizagem a partir da experiência e do sentido; uma possibilidade para a construção de pontes de diálogo entre a Universidade e a sociedade. Como citado anteriormente, consta no artigo 207 da Constituição Federal de 1988, o princípio da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão (BRASIL, 1988), mas para Gadotti (2017) a ideia da extensão universitária não é nova, ele recorda que ela surgiu inicialmente no Plano Nacional de Educação (PNE 2001-2010).

Esse documento foi elaborado em 1996 e apresentou diretrizes e metas para a educação brasileira. O PNE é um documento decenal que ultrapassa mandatos de governos e foi aprovado pela Lei nº 13.005/2014, que estabelece a erradicação do analfabetismo; a universalização do atendimento escolar; a superação das desigualdades educacionais, destacando a promoção da cidadania dentre outras disposições (OGIBA, 2018).

O Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições de Educação Superior Brasileiras (FORPROEX) buscou uma interação entre a universidade e a comunidade na qual está inserida (FORPROEX, 2012). Estabelecido desde 1987, o FORPROEX procura engendrar diretrizes e ações relativas à Extensão Universitária, abrangendo as políticas públicas para a educação superior que vigoram até hoje no Brasil. De acordo com o FORPROEX, a extensão universitária estimulou a produção de conhecimento, abriu espaço para a participação da comunidade e possibilitou a democratização do conhecimento desenvolvido pelas universidades (FORPROEX, 2012).

Nesse sentido, De Paula afirma que “os órgãos da instituição buscaram desenvolver atividades permitindo uma decisiva interligação entre a cultura científica e a cultura das humanidades” e que:

Os inegáveis avanços da extensão universitária no Brasil deveram-se, em muito, ao Forproex, em vários sentidos. Destaque-se, aqui, o seu papel na conceptualização da extensão universitária. É uma contribuição decisiva do Forproex à afirmação do caráter indeclinável da extensão universitária para a plena realização dos objetivos centrais da universidade. Insistir neste ponto não é, de maneira alguma, uma sorte de corporativismo, de defesa de interesses particularistas, senão que a explicitação de uma exigência sem a qual a universidade fica aquém de suas possibilidades e responsabilidades. (DE PAULA, 2013, p.20)

Castro (2004) sustenta averiguar o processo histórico da extensão universitária, mas destaca a relevância de investigar “a prática dos projetos” realizados por ela e “sua influência no processo de formação dos discentes”, sua “contribuição para a consolidação de um campo de conhecimento específico e das consequências dessas práticas acadêmicas” (CASTRO, 2004, p. 2). Partindo desse contexto, esse estudo buscou entender essas questões apontadas por Castro (2004), investigando as ações de articulação de um projeto de formação docente, que envolveu as unidades do *campus* BH da UEMG.

Em seus estudos, Gadotti (2017) aponta a curricularização da Extensão nos cursos de graduação e a importância das resoluções e políticas nacionais vigentes, que busca direcionar a inclusão da carga horária de extensão nas matrizes curriculares dos cursos de graduação. No entanto, ele ressalta que elas deverão ser pensadas a partir da realidade regional de cada Campus focando na formação.

Para uma maior compreensão da legislação que rege a educação, cabe aqui destacar que o Plano Nacional de Educação (PNE) é um documento que determina as diretrizes, metas e estratégias para a política educacional, decenal por força constitucional, o que significa que ultrapassa governos.

O Plano Nacional de Educação (PNE), Lei nº 13.005/2014, é um instrumento de planejamento do nosso Estado democrático de direito que orienta a execução e o aprimoramento de políticas públicas [...]. O PNE 2014-2024 traz dez diretrizes, entre elas a erradicação do analfabetismo, a melhoria da qualidade da educação, além da valorização dos profissionais de educação, um dos maiores desafios das políticas educacionais. De acordo com o art. 7º dessa nova lei, a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios atuarão em regime de colaboração para atingir as metas e implementar as estratégias previstas no texto. O seu cumprimento é objeto de monitoramento contínuo e de avaliações periódicas realizadas pelo Ministério da Educação (MEC), pelas comissões de educação da Câmara e do Senado, pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e pelo Fórum Nacional de Educação. (BRASIL, 2014, p.8)

A instituição da meta 12.7 do Plano Nacional de Educação (Lei nº13.005/2014) e, posteriormente, na Resolução CNE/CES nº 07, de 18 de dezembro de 2018 que define um prazo de três anos para a adequação do quadro normativo das Instituição de Ensino Superior (Projeto Pedagógico Institucional/PPI e Plano de Desenvolvimento Institucional/PDI) e do Projeto Pedagógico de Curso/PPC dos cursos de graduação, de modo a direcionar, no mínimo, 10% das cargas horárias dos cursos às atividades de extensão, levando-se em consideração as realidades locais e as peculiaridades de cada curso ou área de conhecimento (BRASIL, 2001).

As diretrizes para extensão regulamentam as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação na forma de componente curricular dos estudantes e podem ser

direcionadas aos cursos superiores de pós-graduação, de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP) da instituição de ensino superior (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018).

Entende-se que a curricularização da extensão tem a intenção de promover o desenvolvimento de ações de caráter crítico, a fim contribuir na formação para uma produção de conhecimento de maneira significativa e promover práticas significativas para a sociedade. Por esse motivo, as contribuições da ação extensionista na Formação poderão contribuir para consolidar saberes, conhecer a realidade do espaço universitário, a comunidade em seu entorno, desenvolver o trabalho em equipe, possibilitar a reflexão sobre a prática docente e compreender a elaboração e a execução de projetos.

Segundo Laterza Filho (2020), a realização da extensão atrelada à formação pode ser um campo amplo de possibilidades para o desenvolvimento de ações congruentes, voltadas para atender as demandas da comunidade e otimizar a qualidade dos serviços prestados. Compromisso ético também deve fazer parte deste cenário norteando relações,

Vale destacar que a extensão universitária é compreendida como uma prática educacional fundamental para contemplar e valorizar os diversos saberes. Por esse motivo compreende-se que as contribuições da ação extensionista na Formação oferecem a oportunidade do desenvolvimento de atividades e ações voltadas para uma comunicação dialógica contemplando e valorizando diversos saberes da comunidade interligando com o espaço acadêmico recomendado por Freire (1977) e Gadotti (2017).

3.2 Extensão na UEMG: Itinerário da Extensão na Universidade do Estado de Minas Gerais

A UEMG é uma universidade multicampi, criada pela Constituição Mineira em 1989, a partir da integração de fundações educacionais, que ofereciam basicamente o ensino de graduação, voltado para o máximo aproveitamento da rede de ensino superior já instalada em Minas Gerais (MIRANDA, 1998). Caracterizada como universidade pública estadual, ela vem cumprindo o seu papel histórico e social, na produção de conhecimento, preservando o pensamento crítico buscando contribuir para a democratização do saber e se tornando mais inclusiva (FERREIRA; AZEVEDO, 2019). Para Ferreira e Azevedo (2019), o processo de estruturação da UEMG foi muito complexo, visto que envolveu diversas questões financeiras das fundações que dependiam de decisão judicial, para regularização da situação de todos os seus funcionários, professores e discentes.

Na capital, com a aprovação da Lei nº. 11.539, de 1994, o *campus* de Belo Horizonte incorporou os cursos de quatro escolas que já pertenciam ao Estado: a Escola Guignard (criada em 1943), Escola de Artes Plásticas (atual Escola de Design) (1955), Escola de Música (1954) e o Curso de Pedagogia do IEMG (1970), atual Faculdade de Educação. Atualmente, em 2022, a UEMG “beneficia mais de 20.000 (vinte mil) estudantes, dos quais cerca de 70% vêm de escolas públicas”. Nesse sentido, ela “representa, em algumas regiões, a única possibilidade de acesso à universidade pública” para estudantes carentes. A UEMG está presente nos 16 municípios do estado de Minas Gerais desenvolvendo atividades acadêmicas de ensino, pesquisa e extensão (LATERZA FILHO, 2020, p.7-8).

A prática, a aplicação e a assimilação social do conhecimento produzido pela Universidade pertencem à dimensão da extensão, a cargo, na UEMG, da Pró-reitoria de Extensão – PROEX. Por isso, as ações de extensão são indissociáveis da Pró-reitoria de Graduação – PROGRAD e da Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação – PROPPG.

Na UEMG, a Extensão Universitária é um conjunto de processos educativos, culturais ou científicos, muitas vezes interdisciplinares, que, articulados ao Ensino e à Pesquisa, produzem conhecimento por meio de ações dirigidas a estudantes, professores e a comunidade em geral. Assim, a extensão é responsável por estreitar a distância entre Universidade e comunidade, abrindo uma via de mão dupla. Nela, a comunidade em que a Universidade se insere passa a participar da vida acadêmica. Por outro lado, a própria vida acadêmica passa a nutrir-se dos materiais de que dispõe a comunidade que a acolhe. É esse trânsito de saberes que viabiliza uma relação transformadora entre a UEMG e as diferentes regiões do estado de Minas Gerais onde se situam suas Unidades Acadêmicas.

Laterza Filho (2020) atribui à Extensão Universitária na UEMG a responsabilidade por estreitar a distância entre a academia e a comunidade, ampliando espaços, nutrindo-se produções e acolhendo a comunidade que a acolhe. Nos registros da extensão na UEMG verificou-se a realização do seminário de Pesquisa e Extensão, como principal evento institucional da UEMG desde a sua criação, em 1996, que adota diferentes configurações e acompanha as transformações próprias da Universidade. Suas diretrizes são fundamentadas na promoção, circulação e o compartilhamento de saberes, estimulando a investigação científica e a produção acadêmica. Este evento é considerado de muito importante pois ele é um instrumento de integração das Unidades Acadêmicas da UEMG e em 2022 aconteceu a 24ª edição do seminário de Pesquisa e Extensão (P&E).

A oportunidade de participar de projetos de extensão de formação de professores pelo Editais da ProEx-UEMG surgiu como uma proposta de ampliação de conhecimentos dentro da universidade. Eles promoveram experiências significativas envolvendo a extensão universitária durante a trajetória acadêmica que repercutiram na prática profissional.

A experiência como bolsista da ProEx-UEMG em projetos pesquisa e de extensão no Curso de Pedagogia (FaE-UEMG) e, posteriormente, na Pós-Graduação em Artes Visuais (UFMG) permitiu transitar pelos espaços da universidade, ter contato com vários projetos em desenvolvimento em outras Unidades Acadêmicas, conhecer pesquisas em andamento (xadrez, letramento, ...), além de vivenciar uma atmosfera cultural diferente daquela construída na Faculdade de Educação. Penetrar nos espaços da Escola Guignard, conhecer seus ateliês, as práticas de vários professores de arte (xilogravura, gravura em metal, dentre outros) constituiu em um rico processo contínuo de formação dentro da universidade.

A participação em processos de formação continuada de professores desenvolvidos na Faculdade de Educação (FaE/UEMG) possibilitou observar certo envolvimento dos integrantes nas ações, que pareciam despertar o fazer artístico, a partir de oficinas temáticas e de relatos de experiências docentes. Eram ações que entrelaçam as Artes Visuais, a educação, a política, o espaço universitário, e outros, contando com a participação de estudantes, funcionários e professores do Campus Belo Horizonte da UEMG.

A aprovação pela Pró-reitoria de Extensão (PROEx) do projeto de extensão *FIC na FaE*, criado em 2016, permitiu dar continuidade ao programa nacional desenvolvido na instituição em 2014-2015, intitulado Pacto pelo fortalecimento do Ensino Médio³, destinado à formação de professores, e interrompido com a troca de governo ocorrida à época. Ao promover o encontro na FaE de professores de diferentes campos de saberes, estudantes em início de formação, além de integrantes do Ensino Médio, o projeto almejava contribuir a partir de uma perspectiva crítica e reflexiva. Para tanto, foram realizados eventos acadêmicos com o compromisso de pensar e repensar a formação inicial e continuada, suas dimensões e os diversos espaços educacionais.

³ O Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio, instituído pela Portaria nº 1.140, de 22 de novembro de 2013, propõe a articulação e a coordenação de ações e estratégias entre a União e os governos estaduais e distritais na formulação e implantação de políticas para elevar o padrão de qualidade do Ensino Médio brasileiro, em suas diferentes modalidades, orientado pela perspectiva de inclusão de todos que a ele têm direito (MERCADANTE, 2013).

O nome *FIC na FaE* adveio dessa perspectiva e foi pensado pela idealizadora do projeto, responsável por explicar que a nomenclatura do projeto deveria contemplar as iniciais das palavras “Formação Inicial e Continuada”, e a sigla FIC (fique) compreende a ideia de um convite para ficar e dar continuidade à formação.

Como as atividades do *FIC na FaE* foram iniciadas com esse propósito de dar continuidade ao processo formativo interrompido após o fim do PNEM, tornou-se necessário mostrar aos alunos as possibilidades de formação, direcionando-os para o caminho de potência de transformação, observada como lacuna durante as experiências realizadas no PNEM (2014-2015). O projeto agregou, além da formação de licenciandos, a formação continuada de professores atuantes na Educação Básica e no Ensino Superior (BORGES; CORRÊA, 2020a).

Desde a sua criação em 2016, *FIC na FaE* buscou expandir as discussões e reflexões entre as áreas de conhecimento em uma perspectiva diversa e plural, contribuindo para aprimorar o debate acerca da formação de professores das Unidades localizadas em Belo Horizonte em diferentes momentos de suas trajetórias. Segundo Borges et al. (2020b), o projeto trouxe uma proposta que procurou humanizar os espaços de formação, refletindo a necessidade de acolher e incentivar a permanência dos estudantes, qualificando a formação de professores, compartilhando experiências de práticas pedagógicas e ampliando os canais de comunicação.

No entanto, o projeto de extensão FIC na FaE estava restrito à Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Minas Gerais (FaE/UEMG). Então, com o intuito de ampliar a interlocução entre as demais áreas, promover a integração de Unidades Acadêmicas que constituem um Campus e consolidar o sentimento de pertencimento à instituição, o nome do projeto foi ampliado em 2017 para *Projeto de Formação Inicial e Continuada de Professores FIC no Campus*.

Por meio de seminários e oficinas temáticas, o projeto de extensão *FIC no Campus* se comprometeu com a formação de professores com o objetivo de promover reflexões da própria prática e o desenvolvimento de uma identidade profissional para além da Faculdade de Educação. Esses encontros aconteciam semanalmente na FaE/UEMG, com duração de 2 horas, e os eventos do projeto eram realizados mensalmente nas diferentes unidades, com duração de 4 horas. As ações propostas para os seminários, que também aconteciam uma vez por mês, eram organizadas pelos professores de diferentes áreas de conhecimento, para serem desenvolvidas ao longo do semestre. O critério para a realização da formação continuada e os locais onde aconteceriam surgiam a partir de temáticas sugeridas e aceitas pelos professores participantes, para que o docente pudesse conduzir o encontro em sua unidade.

Em função da mudança de nome, o professor P5⁴ da Escola de Design (ED) da UEMG desenvolveu o desenho da logomarca para ser utilizado pelo projeto *FIC no Campus* em eventos, convites e apresentações gráficas, entre outras. O artista-professor explicou, nos encontros de formação de professores, que o nome do projeto foi idealizado para oportunizar a integração entre as unidades acadêmicas de Belo Horizonte. Ele criou a identidade visual inspirada no efeito sonoro produzido pela junção das três primeiras letras (F; I; C) das palavras *Formação Inicial e Continuada*, remetendo ao sentido de ocupação de um lugar, de permanência no Campus. A sigla FIC (fique) traz no próprio nome a sua intencionalidade ao efetivamente verbalizar uma chamada, um convite para ficar no *Campus*.

A identidade visual da sigla FIC tem na letra ‘I’ a representação do perfil de uma figura que simboliza o humano que se forma inicial e continuamente. Ademais, a letra “F” está ligada à letra “I” e à letra “C”, indicando uma interligação entre os termos. Essa proposta gráfica foi apresentada ao grupo dos organizadores do projeto, analisada e aceita unanimemente pelos integrantes, resultando na logomarca final do projeto (Figura 1).

Figura 1 – Desenho da logomarca *FIC no Campus*



Fonte: Acervo fotográfico *FIC no Campus*

Para P5, representar graficamente a marca do *FIC no Campus* foi trazer a reflexão, nos encontros de formação, sobre a importância da arte como um processo que reúne diversos elementos de sua experiência para se expressar, e o desenho pode ser um dos recursos a ser aplicado. Ele utilizou das linhas para traçar e construir uma imagem representando o projeto de formação continuada.

⁴ Neste texto, os participantes estão nomeados por letras e números. Ver o quadro na página 44.

Nessa perspectiva da logomarca, as ações do FIC no *Campus* se constituíam por meio do compartilhamento de um conjunto de experiências e diálogos entre alunos e professores das cinco unidades da UEMG em Belo Horizonte: a Escola de Música (EsMu), a Escola de Design (ED), a Faculdade de Políticas Públicas (FaPP), a Escola Guignard (EG) e a Faculdade de Educação (FaE). As diversas ações desenvolvidas pelo projeto contaram com seminários; rodas de conversa; oficinas temáticas; momentos de fruição; estudos e produções de textos, dentre outros. A Memória, a Estética, a Política e a Educação constituíram uma grande fonte inspiradora para construção de ações voltadas para fomentar discussões e desenvolver um espaço democrático, bem como a autonomia para escolher e criar práticas significativas do trabalho docente.

A extensão pode atuar em prol das comunidades e seus problemas sociais, mas também podem ser realizadas em “projetos de formação docente desenvolvidos na própria instituição numa concepção de educação continuada que segue por toda a vida” (CARVALHO, 2022, p.140). Para Freire (1977) o conhecimento como entrelaçamento, acontece quando o sujeito se apropria do aprendido e o transforma numa relação dialógica. Entende-se que o projeto de extensão FIC no Campus buscou criar propostas dialógicas de formação docente no viés de construção coletiva realizando atividades com professores de unidades diferentes.

O projeto de extensão FIC no Campus criou uma proposta docente de construção coletiva, realizando atividades com professores de unidades diferentes, uma experiência que convida a refletir sobre a formação docente desenvolvida em um projeto de extensão universitária. Souza (2010) destaca a relevância desse tipo de proposta e a contribuição da extensão universitária como processo de formação continuada:

[...] a Extensão pode também assumir o papel de instrumento de emancipação, de desenvolvimento das capacidades humanas. Isso acontece quando sua prática é transformadora, na medida em que provoca rupturas e pode ser identificada como uma práxis revolucionária, como “prática da liberdade” (SOUZA, 2010, p. 126).

Percebe-se que nas ações do projeto apresentava-se um elemento sensível dos momentos de fruição que estabelecia uma atmosfera de diálogo. Compreende-se que o espaço democrático favorecia a troca entre os participantes por meio de interação “sem a sobrepujança de títulos, categorias ou classes, mas com o entendimento da contribuição individual em prol de um coletivo comum” (CARVALHO, 2022, p.153). Destaca-se que as ações no campo das artes realizadas pelo projeto buscavam promover aos participantes o envolvimento em atividades e processos artísticos, que segundo Pereira “o estudo de formas, cores, movimentos,

sons, textos, tocar a consciência humana a ponto de percebermos ações que forjaram sistemas e movimentos [...] podem ser percebidos de maneira distinta (e constantemente o são) a partir do estudo e da investigação das expressões humanas nas suas relações complexas no campo da arte” (PEREIRA, 2011, p.6). Observou-se que as atividades realizadas coletivamente pelo projeto ofereceram momentos sensíveis, protagonizados por docentes, discentes e funcionários das unidades.

Tais ações podem ser observadas no envolvimento dos participantes, (docentes, discentes e técnico-administrativos) e o que “enleva essa troca entre as unidades é a desaceleração do momento, nesse contexto, o do encontro e da fruição, para receber o que o outro sabe e nos oferece” (CARVALHO, 2022, p.153). Algumas ações formativas elaboradas pelos docentes de forma coletiva eram realizadas pelo projeto, como o exemplo da idealização e criação da identidade visual do projeto FIC no *Campus*. Essa atividade proposta por P5 da Escola de Design, contou com as oficinas de artes trazendo a temática de estereótipos dos desenhos infantis, apresentado por P12 na Escola Guignard, propiciaram a socialização de diferentes práticas, trazendo reflexões subjetivas. Essas ações também são momentos de diálogos, interação uns com os outros, voltados para o processo de formação humana.

Compreende-se que a formação coletiva proposta pelo projeto de extensão do FIC no *Campus* está pautada na continuidade, entendendo que docentes, estudantes e comunidade ensinam uns aos outros, semelhante a uma “negociação não explicitada, realizada de forma natural, embora com alguma intencionalidade pedagógica. O FIC no Campus é um convite para experimentar, para além do conteúdo, essas discussões” (CARVALHO, 2022, p.155).

3.3 Encontros de formação FIC no Campus: ações e reverberações de 2017 a 2019

No ano de 2017, o FIC no *Campus* perdeu o auxílio financeiro, devido aos cortes orçamentários. No entanto, o projeto persistiu com seus objetivos, propondo seminários de articulação com a temática “*Formação humana entre a educação e o mundo do trabalho*” neste mesmo ano, destacando o protagonismo dos acadêmicos e contou com a presença de docentes de outras Unidades da UEMG, com o intuito de ampliar os diálogos de formação (BORGES, 2019a). Essas ações aconteceram no auditório da FaE/UEMG, envolvendo a participação de estudantes do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência Integrado (PIBID) que relataram as experiências vividas por professores em formação, sugerindo um olhar para a

atuação docente, sob uma perspectiva interdisciplinar que articulou ideias, práticas e ações de diferentes áreas de conhecimento.

Nos anos de 2018/2019, a organização das ações desenvolvidas pelo projeto nos encontros ocorria com estrutura similar. A Tabela 1 descreve as atividades que foram realizadas, compostas por palestras formativas, oficinas de Educação, Música e Artes Visuais, Rodas de Conversa, além de momentos de confraternização, todas com duração média de quatro horas cada.

Tabela 1. Levantamento das ações do *FIC no Campus* entre 2016 e 2020

LEVANTAMENTO DAS AÇÕES DO FIC NO CAMPUS -2016 A 2020					
Data	Seminários	Temática	Local	Oficina	Área de atuação
05/05/2016	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada de professores	Relatos de experiências em Projetos de extensão	Faculdade de Educação (FaE)		Educação Física/ Licenciatura
22/06/2016	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	Saberes e diálogos com o Ensino Médio	Faculdade de Educação (FaE)		Educação Física/ Pedagogia
09/03/2017	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	Formação humana entre a educação e o mundo do trabalho	Faculdade de Educação (FaE)	Intervenção através do bordado	Artes Visuais
30/03/2017	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	Diversidade e atuação no PIBID	Faculdade de Educação (FaE)		Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
20/03/2018	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	A arte e a educação em defesa da formação humana	Escola Guignard	Gravura - Ateliê de gravura para escrever poesias onde as linhas substituem as letras para poetizar as formas	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
29/08/2018	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	A arte e a educação em defesa da formação humana	Escola de Música (EsMu)	Oficina de música	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
15/03/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	Os 75 anos da Escola Guignard	Escola Guignard	Oficina de gravura	Educação Física/ Pedagogia/ Música/

		na construção dessa história			Design/ Artes Visuais
29/04/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	Uma trajetória pela capital mineira	Escola de Design (ED)	Oficina de fotografia - Construção imagética através da desconstrução da percepção visual e sonora cemiterial	Música/ Artes Visuais
16/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita		Escola de Música (EsMu)	Percepção musical e vivências com a dança circular	Música/ Artes Visuais
25/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita - Reflexões sobre a ação do pedagogo	<i>FIC no Campus</i> como uma experiência de integração entre educação e arte	Faculdade de Educação (FaE)	Oficina de dança circular	Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
20/03/2018	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	A arte e a educação em defesa da formação humana	Escola Guignard	Gravura - Ateliê de gravura para escrever poesias onde as linhas substituem as letras para poetizar as formas	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
29/08/2018	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	A arte e a educação em defesa da formação humana	Escola de Música (EsMu)	Oficina de música	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
15/03/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	Os 75 anos da Escola Guignard na construção dessa história	Escola Guignard	Oficina de gravura	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
29/04/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	Uma trajetória pela capital mineira	Escola de Design (ED)	Oficina de fotografia - Construção imagética através da desconstrução da percepção visual e sonora cemiterial	Música/ Design/ Artes Visuais
16/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino		Escola de Música (EsMu)	Percepção musical e vivências com a dança circular	Música/ Design/ Artes Visuais

	Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita				
25/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita - Reflexões sobre a ação do pedagogo	<i>FIC no Campus</i> como uma experiência de integração entre educação e arte	Faculdade de Educação (FaE)	Oficina de dança circular	Pedagogia / Música/ Artes Visuais
20/03/2018	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	A arte e a educação em defesa da formação humana	Escola Guignard	Gravura - Ateliê de gravura para escrever poesias onde as linhas substituem as letras para poetizar as formas	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
29/08/2018	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	A arte e a educação em defesa da formação humana	Escola de Música (EsMu)	Oficina de música	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
15/03/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada na Faculdade de Educação	Os 75 anos da Escola Guignard na construção dessa história	Escola Guignard	Oficina de gravura	Educação Física/ Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
29/04/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	Uma trajetória pela capital mineira	Escola de Design (ED)	Oficina de fotografia - Construção imagética através da desconstrução da percepção visual e sonora cemiterial	Música/ Artes Visuais
16/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita		Escola de Música (EsMu)	Percepção musical e vivências com a dança circular	Música/ Artes Visuais
25/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita - Reflexões sobre a ação do pedagogo	<i>FIC no Campus</i> como uma experiência de integração entre educação e arte	Faculdade de Educação (FaE)	Oficina de dança circular	Pedagogia/ Música/ Artes Visuais
29/04/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino	Uma trajetória pela capital mineira	Escola de Design (ED)	Oficina de fotografia - Construção imagética através da desconstrução da	Música/ Artes Visuais

	Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita			percepção visual e sonora cemiteral	
16/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita		Escola de Música (EsMu)	Percepção musical e vivências com a dança circular	Música/ Artes Visuais
25/05/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita - Reflexões sobre a ação do pedagogo	<i>FIC no Campus</i> como uma experiência de integração entre educação e arte	Faculdade de Educação (FaE)	Oficina de dança circular	Pedagogia/ Música/ Design
04/06/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - 30 anos da UEMG - Da absorção de Fundações Educacionais de Ensino Superior à Consolidação de uma Universidade pública e gratuita	Faculdade de Políticas Públicas da UEMG - Reflexões sobre formação em Políticas Públicas e Direitos Humanos	Faculdade de Políticas Públicas (FaPP)	Visita guiada na Praça da Liberdade e mostra comentada - Cancioneiro de música popular	Música/ Artes Visuais/ Políticas Públicas
23/10/2019	Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada - Reflexões sobre o saber docente: os saberes da docência nos 30 anos da UEMG	A Pedagogia circula no Campus: tempos e espaços de formação, circulação e pertencimento	Escola de Música (EsMu)/ Escola Guignard	Oficina de musicalização - Etnomusicologia e elementos da música como direito de todos - O Piso Educacional: aula espetáculo em situação de rua	Música/ Design/ Artes Visuais/ Pedagogia/ Artes Plásticas
16/09/2020	1º <i>FIC no Campus</i> Internacional - Seminário de articulação entre a formação inicial e continuada: Política e Estética em tempos de pandemia	Educação	Plataforma Teams	Comunicação/ Cultura/ Educação	Filosofia/ Pedagogia/ Música/ Design/ Artes Plásticas/ Políticas Públicas

Em 2018, os debates pretendiam enriquecer a formação inicial e a formação continuada dos profissionais da educação e dos estudantes, discutindo sobre a identidade profissional do professor e difundindo o trabalho de professores e estudantes da UEMG nas Unidades do *Campus* Belo Horizonte (CBH), visto que não há um *Campus* físico que reúna todas as instalações. Por essa razão, o projeto sempre foi aberto a todas as turmas de graduação e pós-graduação da UEMG, em especial, graduandos e docentes dos cursos de Licenciatura da Escola Guignard, da Escola de Música e do curso de Pedagogia (BORGES et al., 2018). Assim, foi

dada continuidade à iniciativa de qualificar a formação de professores, compartilhando experiências de práticas pedagógicas e ampliando os canais de comunicação.

Nesses encontros de formação, aconteciam diálogos entre as áreas de Artes Plásticas e Educação, envolvendo a construção de conhecimentos e reflexões de práticas. Segundo Borges e colaboradores (2019a), as Artes Visuais apresentaram-se como um campo amplo de possibilidades, experimentação de processos criativos e uma interação coletiva, por meio de diversas manifestações artísticas desenvolvidas pelo projeto. A arte urbana, o cinema, a dança, o design, a fotografia e o teatro mostraram-se potentes para estabelecer oportunidades de socialização e construção de conhecimentos nos encontros de formação continuada promovidos pelo FIC no *Campus* (BORGES et al., 2019b). Exemplo dessas atividades foram a oficina de desenho promovida por P12 (Figura 2) e a oficina de dança circular por P4 (Figura 3), desenvolvidas em frente à Escola de Design. Durante a oficina de desenho, os estudantes das diferentes unidades, os professores participantes do FIC no *Campus* e os transeuntes realizaram atividades na calçada da Escola de Design. Eles foram convidados para elaborar criações de desenhos e pinturas, e posteriormente a se reunir numa roda de conversa. Estas ações oportunizaram reflexões sobre a atuação conjunta em uma produção artística. A oficina de dança circular também foi aberta ao público, convidando a comunidade universitária a sair da zona de conforto e dançar em um espaço inusitado.

Figura 2 – Oficina de Desenho no Circuito Praça da Liberdade - Escola de Design (UEMG)



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

Figura 3 - Oficina de Dança Circular no Circuito Praça da Liberdade - Escola de Design (UEMG)



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

No decorrer dos encontros nos seminários de Articulação entre a formação inicial e continuada de professores, foi sugerida a construção coletiva de uma toalha bordada com o nome do projeto *FIC no Campus* (Figuras 4 e 5), organizada por P12, da Escola Guignard-UEMG. Essa produção teve como objetivo fundamentar uma produção coletiva, durante os cursos de formação de professores, que circularam pelas Unidades, tecendo processos artísticos dos participantes (BORGES et al., 2019a).

As Artes Visuais apresentavam-se através das linhas e pontos, registros de histórias, fragmentos de práticas docentes e artísticas, construindo diálogos sobre o contexto histórico acerca do bordado, seu ensino, bem como conceitos de gênero/bordado e arte/artesanato.

Figura 4 – Toalha bordada Roda de conversa *FIC no Campus*



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

Figura 5 – Toalha bordada *FIC no Campus*



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

Durante a construção coletiva dos bordados de uma toalha, a professora e artista P12 propôs a ação *Mesa de Café* (Figura 6). Enquanto era confeccionada, a toalha revestia uma mesa de café, em que os quitutes eram oferecidos aos participantes e transeuntes, os quais também podiam participar da confecção, independente de habilidades ou conhecimentos sobre bordado.

Figura 6 – Toalha bordada *FIC no Campus*



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

As Rodas de Conversa aconteciam nesses eventos, promovendo debates a respeito da formação de professores, suas práticas em sala de aula e questões acerca da Reforma Curricular

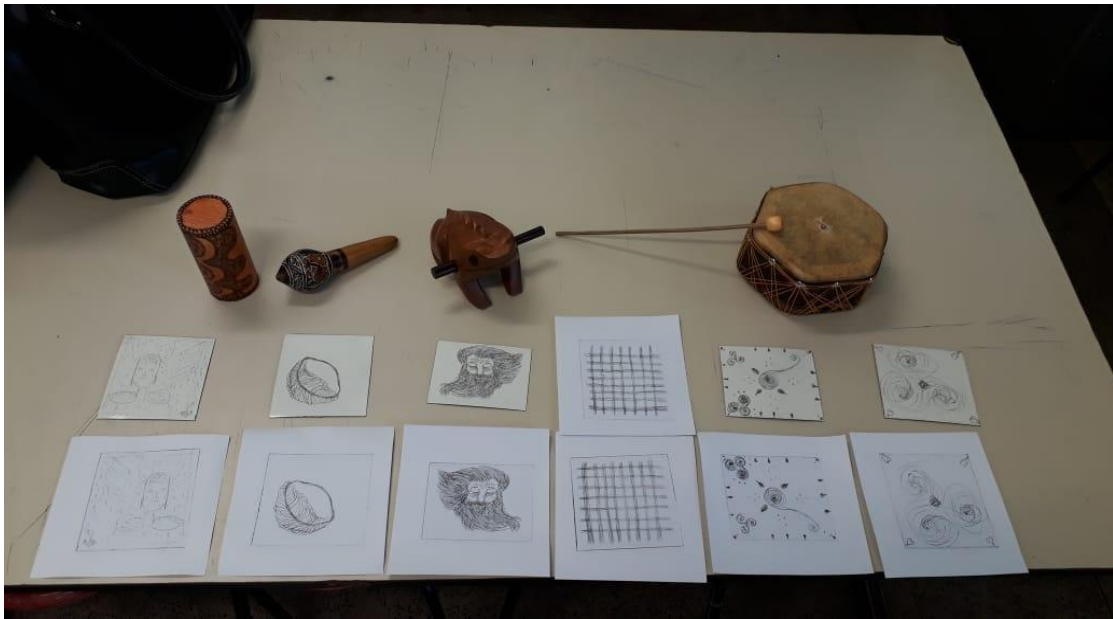
(BORGES, 2017). Os participantes “teciam” possíveis ações, tomando como base a interação dos sujeitos.

As Artes Visuais ocorriam por meio de manifestações artísticas mediadas pelos professores formadores e estudantes, tais como *performance*, produção de vídeos, pinturas corporais e desenhos grafitados ao longo do espaço escolar. Tais manifestações se configuraram como registros de falas silenciadas e questionamentos sobre o momento político das mobilizações estudantis da época (BORGES, 2016).

Transitando entre o diálogo dos encontros de formação, as Artes Visuais também se apresentavam nas oficinas temáticas que aconteciam. Uma das oficinas foi ministrada por P9, que integrou a Exposição *Linhas Sensíveis* de 2019 e buscou desafiar os professores formadores a escrever poesias, em que as linhas substituíssem as letras, para poetizar as formas. Essa atividade formativa aconteceu na Escola Guignard, na oficina de Gravura, uma proposta provocativa que articulou o Seminário do *FIC no Campus*, para refletir sobre a arte e a educação em defesa da formação humana. Lisboa (2019) utilizou da gravura para envolver professores de diferentes áreas de conhecimento para uma prática no ateliê. Em contato com o jornal Leopoldinense, em 2016, Paulo Roberto Lisboa assim se manifestou:

[...] Meus trabalhos são como crônicas (palavra derivada do grego Chronos - tempo). Como nos periódicos modernos, a crônica cita situações do momento ou de outra época e eu também as faço, só que no lugar das letras são as linhas que poetizam as formas. Não proponho apenas peças para decoração ou para observações estáticas, mas proponho situações onde o observador seja também um cronista, seja um co autor ou faça a sua própria crônica. Fazer arte não é apenas um maneirismo ou lampejos de habilidades, fazer arte é fazer poesias visuais, seja ela como for: instalação, objeto, performance, pintura é preciso ter algo mais do que um simples domínio técnico. Poesia pode-se fazer com métricas, a técnica está aí, mas as métricas não têm alma e a poesia precisa ter essa alma. Essa alma que faz o ser humano pensar, chorar, sorrir, andar, ter vontades, ter olfato, sabor, reconhecer seus erros, reconhecer o mundo em que vive, participar desse mundo de modo menos egoísta, [...] (LISBOA, 2016).

A criação de gravuras (Figura 7) oportunizou aos participantes conhecer a técnica e os materiais, um convite para o processo criativo que envolveu os participantes para expressar a arte com significados. Lisboa recorda que essa é uma reflexão necessária para as práticas e ações em sala de aula voltada para a formação humana (BORGES et al., 2019b).

Figura 7 – Oficina de gravura *FIC no Campus*

Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

Embora essas ações externas atraíssem muitos participantes, os professores e estudantes das Unidades não desfrutavam de um *campus*, um espaço físico comum, pois as unidades da UEMG estavam situadas em diferentes pontos de Belo Horizonte, impossibilitando a integração e divulgação de diferentes práticas dentro da própria Universidade. Para Borges, Bandeira e Gomes (2022) a construção do *Campus* Belo Horizonte tem sido aguardada durante muitos anos, porém não se efetivou. Essa situação provocou um distanciamento entre os cursos e uma desmobilização docente e discente significativa, impedindo a construção e consolidação de uma identidade própria. As consequências dessa falta de um espaço para se constituir leva muitos professores e alunos da UEMG a não conhecerem a sua própria Universidade (BORGES, 2021).

Por esse motivo, as ações do projeto FIC no *Campus* de 2019 voltaram-se para a construção de conhecimento e uma maior aproximação entre essas unidades da UEMG, a fim de aproximar as unidades, bem como de fortalecer e enriquecer o discurso de um importante espaço de formação de professores, de desenvolvimento regional, de produção de pesquisas e saberes em Minas Gerais.

O projeto vislumbrava que, através dos encontros entre os sujeitos das diferentes unidades, a UEMG se fizesse conhecer; isto é, sujeitos precisam se reconhecer como parte de uma Universidade e, não apenas, parte de uma unidade. Segundo Freire, “[...] ninguém se conscientiza separadamente dos demais”. A consciência se constitui como consciência do mundo [...]” (Prefácio. In: FREIRE, 2011, p. 20). Como o FIC no *Campus* poderia ser um

convite para o despertar dessas frágeis e sucateadas construções que acolhem as cinco unidades da UEMG, a fim de se constituir como um espaço coletivo de reflexão e troca de experiências, a proposta do projeto foi de realizar um evento em cada Unidade de Belo Horizonte, desenvolvendo abordagens da história da Universidade. A versão de 2019 do *FIC no Campus* participou do calendário de comemorações dos 30 anos da UEMG, e teve como subtítulo “*Em defesa da universidade pública, gratuita, de qualidade e em combate à evasão*”. Foram realizados seminários de articulação que aconteceram nas cinco unidades da UEMG localizadas em BH, com temas variados.

Inicialmente, na Escola Guignard, o encontro de formação continuada destacou a apresentação da história e da didática única de Alberto da Veiga Guignard e os 75 anos que marcaram os seus trabalhos da Escola Guignard (BORGES et al., 2019b).

Na Escola de Design, o tema que integrou os trabalhos extrapolou os muros da universidade, levando os participantes à exploração cultural do conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim, o mais antigo da capital mineira (ALMEIDA, 2007), além da realização de uma oficina sobre a experiência fotográfica e a paisagem sonora acerca do espaço do cemitério. Essa atividade (Figuras 8, 9 e 10) foi oferecida pela Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica em parceria com a UEMG e com o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA) (ALMEIDA, 2018) e teve como público-alvo os historiadores, profissionais das áreas de Arquitetura, Turismo, Artes Visuais e Design, bem como estudantes e pesquisadores de diferentes áreas de conhecimento.

Figura 8 - Visitação cultural do Conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

Figura 9 - Visitação cultural do Conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

Figura 10 - Visitação cultural do Conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim



Fonte: Acervo fotográfico FIC no Campus

A visita cultural do conjunto arquitetônico do Cemitério do Bonfim é uma atividade aberta, mensalmente, ao público interessado em conhecer a história do cemitério e as obras de arte que estão situadas em seu território (ALMEIDA, 2013). Durante esta atividade, diversas formas e linguagens permearam o encontro de formação continuada, transitando pelas Artes Visuais ao explorar a escultura, o desenho, a fotografia, o vídeo, oportunizando momentos de compartilhamento de saberes por lugares que integraram a formação propostas pelo referido projeto de extensão (BORGES; CORRÊA, 2020a).

Dando continuidade ao processo formativo, o seminário *Em busca da diversidade musical na formação de professores e músicos de Minas Gerais*, ocorreu, na Escola de Música (EsMu-UEMG), com a apresentação do trabalho de pesquisa sobre restauração e conservação de partituras antigas desenvolvido por essa Escola. Assim, ao observar os registros do acervo histórico da EsMu e da Rádio Inconfidência-MG, tornou-se uma oportunidade de dialogar com Artes Visuais e Música. O acervo da Rádio Inconfidência apresentado aos participantes foi proveniente de bandas de música; obras de compositores, em sua maioria mineiros, que datam desde o período colonial até o início do século XX. Em seguida, a palestra do professor Loque Arcaño *Música, diversidade e patrimônio histórico* trouxe ao conhecimento do público a análise de imagens que revelam a influência da música de tradição oral, no cenário musical do século XIX, na composição da música colonial brasileira.

Já na Faculdade de Educação ocorreu o seminário reflexões sobre a ação do pedagogo com o tema *Identidade, formação e atuação profissional no tempo presente* relacionando a arte, a educação, a saúde e a acessibilidade das pessoas com deficiência ao processo formativo (BORGES et al., 2019b). As Artes Visuais destacam-se nas temáticas dos encontros, por meio de imagens, vídeos e exposições de fotos.

O encerramento do ciclo de seminários do *FIC no Campus* aconteceu na Faculdade de Políticas Públicas, com discussões sobre os Direitos Humanos e Educação, por meio de uma mostra de fotografias da visita guiada pela Praça da Liberdade idealizada pela professora Núbia Ribeiro (FaPP). Também aconteceu uma apresentação artística do *Cancioneiro de música popular* por um grupo de estudantes e professores da EsMu-UEMG (BORGES et al., 2019b).

3.4 FIC no Campus durante a pandemia de COVID-19

No ano de 2020, o projeto *FIC no Campus* teve sua edição realizada no formato virtual, devido à necessidade de distanciamento social deflagrada pela pandemia do Coronavírus para reduzir a disseminação viral (BORGES; CORRÊA, 2020a).

Nesse período, os seminários aconteceram de forma remota e a formação teve como temática a *Política, Estética e Educação*, oportunizando importantes discussões envolvendo Artes Visuais, Educação, Música e Dança. O minicurso de formação sobre política e estética, teve como objetivo nutrir reflexões sobre arte que vão além do campo de um saber específico, e como elas poderiam impulsionar questões significativas para a formação docente em qualquer área de conhecimento ou nível de ensino.

Os encontros aconteciam uma vez por semana durante quatro horas em uma plataforma digital e as temáticas sobre a estética de Kant foram divididas por módulos que se interligavam, sendo eles: *O corpo como fio condutor em Nietzsche e seus desdobramentos; Estética e Filosofia da Arte, Política: Nihilismo, Biopoder e Biopolítica* e foi finalizado com a temática *Educação e Modernidade*. O curso foi estruturado por P6, pesquisador em Filosofia da Educação, que discutiu os desdobramentos políticos, estéticos e educacionais, além de apresentar as principais noções da *Estética e Filosofia da Arte*, denominadas pelo professor.

A partir do curso, vídeos ao vivo ocorreram no canal do FIC no *Campus* na plataforma do Youtube, possibilitando a visualização por qualquer pessoa no mundo inteiro de modo síncrono ou assíncrono (NASCIMENTO JÚNIOR, 2020), para acessar conteúdos educacionais. Exemplos são o 1º Seminário Internacional *FIC no Campus* com o título *Política e Estética em tempos de Pandemia*, assim como o XIV Seminário *FIC no Campus* e o I e II Conexão UBUNTU. Os eventos contaram com participações internacionais, além de programação variada sobre temas envolvendo arte, cultura, ensino, pesquisa e extensão, impulsionando a formação continuada dos professores presentes (BORGES, 2020b).

Foram realizadas ações que discutiam política para educação superior no Brasil e na América Latina, o trabalho docente na pandemia e seus reflexos, além de temas que envolveram a filosofia e a experiência estética, dentre outros. A Arte não se apresentava em profundidade, pois o objetivo do projeto não era uma formação de professores em Arte, mas apresentar o papel das Artes Visuais em relação às práticas e criar metodologias envolvendo professores de diferentes áreas de conhecimento - inclusive de Artes -, mesmo em tempos de isolamento social.

As ações do *FIC no Campus* continuaram permeando as discussões, destacando a educação estética e os estudos filosóficos, nutrindo os encontros de formação continuada. E assim, foram surgindo novos questionamentos, como a falta de um *Campus* físico para a Universidade; a precariedade dos espaços de funcionamento; as más condições de trabalho devido ao escalonamento dos salários dos professores e aos cortes de verbas para pesquisa e extensão; a falta de acessibilidade dos prédios, impossibilitando o acesso dos estudantes e a realização das atividades do projeto, entre outros. Diante do exposto e da inquietação a respeito

da atmosfera do projeto: teria o FIC no *Campus* um caráter político? A arte e a experiência estética poderiam contribuir para a formação docente? Como construir conhecimentos envolvendo as Artes Visuais para elaboração de práticas na formação de professores do *FIC no Campus*? Quais são essas práticas, e como elas reverberam em sala de aula?

A partir destes questionamentos, torna-se necessário analisar o papel e mensurar o impacto das Artes Visuais no processo de formação continuada dos professores. Por esse motivo, realizou-se a pesquisa para identificar das práticas desenvolvidas pelos professores após o envolvimento no projeto de extensão *FIC no Campus*.

4 AS ARTES VISUAIS E A FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA

Quando os cursos fazem conexões entre os assuntos, a fragmentação é minimizada e a integração é encorajada.

Elliot Eisner

A partir da problematização sobre potencial contribuição do *FIC no Campus* para a docência, realizou-se um estudo de caráter qualitativo e exploratório, a fim de investigar se as intervenções no campo das Artes Visuais propiciadas pelos professores no projeto de extensão *FIC no Campus* reverberam na formação dos participantes em relação às suas práticas docentes. O estudo contou com a colaboração de professores e participantes dos eventos promovidos pelo projeto de extensão *FIC no Campus* da UEMG.

Vinte e cinco participantes do projeto *FIC no Campus* foram convidados a participar da pesquisa por meio de carta-convite via e-mail e WhatsApp. Destes, 15 (quinze) não quiseram participar e 12 (doze) professores concordaram em fazer parte do estudo, sendo oito mulheres e quatro homens, descritos por ordem de respostas como P1 a P12. Dentre eles, os sete primeiros professores participantes e organizadores do *FIC no Campus* foram convidados a participar da pesquisa em duas opções: entrevista com a pesquisadora e/ou confeccionar cartas, relatando sobre suas vivências com o projeto. Destes, três se disponibilizaram a realizar as entrevistas e quatro elaboraram as cartas. Os participantes foram contatados e convidados para participar da pesquisa de forma *online*, configurando uma amostra por conveniência. Aqueles que concordaram em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 1) e passaram a compor a amostra da pesquisa.

Os professores que concordaram em participar foram submetidos a duas etapas: a) questionário para coleta de dados e b) entrevistas semiestruturadas e/ou produção de cartas. O questionário (Apêndice 2) foi enviado e respondido *online*, contendo questões relacionadas à caracterização da amostra e ao impacto das intervenções realizadas no *FIC no Campus* para a formação docente no campo das Artes Visuais. Após esse processo, os participantes que estavam no projeto desde sua criação foram convidados a participar de uma entrevista remota gravada, e/ou a produzir cartas digitais, relatando sua vivência poética na formação continuada, constituindo um acervo de memória afetiva e histórica factual. Tanto nas respostas ao questionário quanto na escrita das cartas, a identificação era opcional. Essas ações foram realizadas de modo remoto, evitando o deslocamento dos participantes, devido às medidas de

segurança e distanciamento social intituladas pela Organização Mundial de Saúde (OMS) durante a pandemia da Covid-19.

O questionário foi encaminhado por meios digitais aos professores, estudantes e funcionários da UEMG que participaram do *FIC no Campus*, para serem respondidos. Organizado com sete perguntas, sendo quatro abertas e três fechadas, o questionário teve como propósito realizar uma coleta de dados e obter informações de maneira mais aprofundada. A pergunta aberta foi usada para oportunizar ao respondente, flexibilidade para apresentar suas considerações relativas ao processo vivido nas ações do projeto.

A elaboração do roteiro de entrevista considerou a vivência da pesquisadora e orientou a conversa. As entrevistas ocorreram por meio digital em formato semiestruturado direcionadas pelo tema *Artes Visuais na formação docente*, com duas solicitações centrais: 1) Fale um pouco sobre a sua experiência com as atividades de Artes Visuais no projeto de extensão *FIC no Campus*; 2) Relate um exemplo de uma ação de Artes Visuais que foi importante para você. De modo semelhante, solicitou-se aos professores que relatassem, na mesma pauta e por meio de cartas, acerca das vivências no *FIC no Campus* e o impacto para suas práticas docentes.

Segundo os pressupostos teóricos de Oliveira et al. (2013), os questionários são instrumentos utilizados para coletar dados sobre o assunto investigado e interpretá-los sem a presença do pesquisador. Gil (1999) também destaca que o questionário é considerado uma técnica de investigação através de questões que são respondidas pelas pessoas envolvidas na pesquisa com o intuito de buscar “conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.” (GIL, 1999, p.128). Diante disso e dos objetivos de investigação, realizou-se o questionário como possibilidade de coletar, tabular e interpretar os dados obtidos nas respostas dos participantes.

Para Marconi e Lakatos (2003, p. 195), a entrevista é conceituada como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Desejando alcançar uma abrangência e compreensão nas respostas coletadas, optou-se em realizar entrevistas semi-estruturadas, já que elas oferecem a possibilidade de realizar um recorte dos conteúdos em elementos, para posteriormente serem agrupados em categorias (LAVILLE; DIONNE, 1999). De modo semelhante, as cartas também podem oferecer recursos de coleta de informações significativas, pois permitem uma movimentação e interação social entre os sujeitos. Isso

ocorre, tendo em vista que a carta é um gênero textual que estabelece uma comunicação direta entre os interlocutores (NETTO, 2012). Camargo (2000) convida a refletir sobre a relevância da escrita de cartas como construção de pistas:

[...] sujeitos que escrevem e leem cartas, deixam marcas; marcas que podem indicar pistas para uma leitura da constituição do sujeito da escrita, na escrita. Pelas suas condições de produção as cartas não são uma escrita fabricada, na medida em que se inserem na realidade cotidiana de quem as escreve, e no cotidiano de quem as lê, recebe (seria uma escrita fabricada quando são publicadas?); também não é fabricada a maneira como, ao responder, ao escrever, ao dirigir-se aos seus interlocutores – pode ser um, ou muitos interlocutores – vão se delineando as ideias e os procedimentos, as múltiplas significações (da escrita ou do ato de escrever, por exemplo) e as representações do mundo social, por quem as escreve (CAMARGO, 2000, p.11).

Segundo Moraes (2006, p.173), “a carta talvez seja um gênero que estabelece elos de encantamentos mágicos e sedutores, podendo entrecruzar relações afetivas e culturais entre as pessoas”. Por essa razão compreende-se que a produção textual individual pode ser um potente instrumento de coleta de pesquisa e um campo amplo de experimentações.

No período de novembro de 2021 a março de 2022, 10 (dez) participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e responderam ao questionário, correspondendo a 40% do total enviado. As respostas dos 10 (dez) questionários foram reunidas para iniciar o processo de análise de cada pergunta, com a finalidade de elencar as categorias e realizar um aprofundamento da análise.

A identificação dos participantes foi preservada, contudo, o nome da Unidade Acadêmica em que estão vinculados foi revelado, sendo dois (P5, P11) participantes da Escola de Design (ED), três (P8, P9, P12) da Escola Guignard, dois (P4, P7) da Escola de Música (EsMu), quatro (P1, P2, P3, P6) da Faculdade de Educação (FaE) e um (P10) da Faculdade de Políticas Públicas (FaPP), portanto, com representantes das cinco unidades da UEMG.

Desses participantes, todos foram convidados a responder ao questionário e apenas P6 e P9 não quiseram responder. Após esse processo, os sete professores organizadores do *FIC no Campus* (P1, P2, P3, P5, P6, P9 e P12) foram convidados a escrever cartas e/ou participar de uma entrevista com a organizadora. Dentre os organizadores, quatro confeccionaram cartas (P1, P2, P3 e P5) e três fizeram entrevistas (P6, P9 e P12), como aponta a Tabela 2.

Tabela 2. Participantes da pesquisa

PARTICIPANTES DA PESQUISA				
Participante	Unidade UEMG	Questionário	Carta	Entrevista
P1	FaE	Sim	C1	-
P2	FaE	Sim	C2	-
P3	FaE	Sim	C3	-
P4	EsMu	Sim	-	-
P5	ED	Sim	C4	-
P6	FaE	Não	-	E3
P7	EsMu	Sim	-	-
P8	Escola Guignard	Sim	-	-
P9	Escola Guignard	Não	-	E1
P10	FaPPP	Sim	-	-
P11	ED	Sim	-	-
P12	Escola Guignard	Sim	-	E2

A primeira pergunta do questionário referia-se às ações de Artes Visuais desenvolvidas e sua relevância para a construção de conhecimento. Responderam à pergunta nove pessoas, as quais destacaram que as ações de Artes Visuais contribuíram para uma ampliação de conhecimento e parcerias entre as Unidades. O único participante que não respondeu destacou: “*não tenho opinião a esse respeito*” (Resposta de P10).

Posteriormente, foi perguntado aos participantes por qual meio eles conheceram o projeto *FIC no Campus UEMG* e 50% (5) responderam que foi por meio de colegas, 30% (3) foram convidados pela coordenação do projeto, 10% (1) por meio de grupos de WhatsApp e 10% (1) encontrou a informação no *site* da UEMG.

A terceira pergunta versou sobre as motivações que os levaram a participar do projeto de formação continuada de professores, sendo que 70% (7) responderam que participaram para poder aprender mais e 30% (3) para poder conhecer outras pessoas. Na quarta pergunta, foi questionado se as pessoas estavam acostumadas a irem em exposições ou em eventos artísticos, para conhecer a relação destas pessoas com as Artes e constatou-se que 90% (9) dos professores realizam essa prática.

Investigou-se também se ocorreram transformações na prática docente depois do envolvimento com o projeto e 90% (9) afirmou que o *FIC no Campus* promoveu transformações em suas práticas docentes. Dentre as mudanças, os professores destacam que foi uma oportunidade de conhecer professores de outras unidades, ampliar a relação entre ensino e aprendizagem, trocar conhecimentos que envolviam pesquisa, extensão, filosofia, arte e formação humana.

A última pergunta foi para investigar se as ações de Artes Visuais foram importantes para a formação continuada desses professores. Verificou-se que 90% (9) afirmaram que isso ocorreu e o restante 10% (1) não soube opinar por ter participado esporadicamente dos eventos. Dentre as justificativas das respostas afirmativas, as ações mais citadas foram as oficinas, a vivência artística, a interação com outras áreas de conhecimento e o conhecimento sobre as outras unidades. Isso é notório na seguinte resposta: *Fiquei impressionada com as professoras e professor da Escola Guignard, o trabalho realizado e os ateliers. Toda essa aproximação me apresentou um novo universo do qual estava afastada* (P4). Semelhante a isso, P1 pontuou a importância dessa interação: *Docentes de diferentes áreas pouco se encontram, não se conhecem. Geralmente, cada um circunscrito na sua especialidade, atua exclusivamente com os seus grupos. Essa desagregação não contribui para uma transformação social.*

Em relação à diferença entre as atividades presenciais e remotas do *FIC no Campus* em suas edições, os participantes relataram que as atividades presenciais foram muito importantes para a troca de experiências docentes entre os profissionais das diferentes unidades, além de oportunizar a realização de dinâmicas que permitiam a interação direta com atividades artísticas promovidas pelo projeto. Apesar disso, as atividades presenciais limitavam a participação das pessoas que tinham dificuldade de se dirigir até as unidades onde estavam ocorrendo os eventos. Sobre as atividades remotas, foi identificado no grupo pesquisado um desafio para dominar as tecnologias digitais e para interagir com as atividades artísticas, já que foram realizadas virtualmente. Foi relatado também que o evento remoto foi mais cansativo, no entanto, houve uma democratização do acesso dos alunos, professores e funcionários que teriam dificuldade de se deslocar até o evento presencial, além de as oficinas minimizarem os efeitos do isolamento social provocado pela pandemia de Covid-19.

Também foi colocado um espaço para considerações não contempladas nas perguntas anteriores e 70% (7) dos participantes responderam. A maioria das respostas (57%) abordou sobre a aproximação entre os docentes e os discentes das diferentes unidades da UEMG. Sobre

isso, vale destacar a seguinte resposta P4: *O projeto cresceu nesses 2 anos que vim participando. Fortalece os laços entre os professores interunidades da UEMG. Valoriza e escuta a docência e a diversidade de vozes da comunidade escolar.* Além disso, algumas respostas abordaram questões a respeito do caráter formador, sendo de grande relevância para a prática docente e a construção dos saberes estéticos.

A utilização de entrevistas semiestruturadas também possibilitou interação entre a pesquisadora e os sujeitos pesquisados. As entrevistas foram autorizadas para serem gravadas e disponibilizadas ao projeto de extensão *FIC no Campus*, para futuras produções acadêmicas. Desta maneira, ficou possível rever os tópicos do roteiro, analisar as experiências destacadas pelos participantes e o relato das atividades artísticas vivenciadas pelos professores destacados durante a entrevista, dentre outros aspectos apresentados relatados pelos entrevistados.

Em relação às entrevistas e às cartas, foram enviados 7 (sete) convites para os primeiros professores participantes do *FIC no Campus*, devido ao contato com o projeto desde o seu início, dos quais 3 (três) se disponibilizaram a realizar as entrevistas, quanto às cartas elas foram solicitadas para 7 (sete) professores organizadores das ações formativas do projeto, 4 (quatro) elaboraram as cartas relatando questões da trajetória acadêmica, como as vivências pessoais e a relação com as Artes como construção de conhecimento.

As entrevistas foram realizadas com 42,9% (3) e as cartas com 57,14% (4) dos professores convidados do *FIC no Campus*. Em relação às entrevistas, foram entrevistados dois homens e uma mulher, enquanto às respostas das cartas, foram três mulheres e um homem, todos atuantes na Educação Superior na UEMG. Os participantes informaram que possuíam mais de 10 (dez) anos de experiência docente na instituição. Embora os participantes concordassem com o TCLE, desejaram manter o anonimato.

A partir das respostas dos questionários, das entrevistas e das cartas, foi possível categorizar as informações em tópicos norteadores, sendo eles: a) as motivações que os levaram os professores a participar do projeto de extensão *FIC no Campus*; b) a relevância das ações de artes para a construção de conhecimento; c) as transformações na prática docente e continuada depois do envolvimento com o projeto; d) os impactos das ações remotas e presenciais do *FIC no Campus*.

Em relação às motivações, a grande maioria (70%) respondeu que participou para poder aprender mais e 30% para poder conhecer outras pessoas. Gadotti (2017) pontua que a extensão

universitária possibilita a interação e a participação ativa dos atores envolvidos, o que pode oportunizar, segundo Freire (1996), uma aprendizagem dialógica, crítica e reflexiva. A interação e a possibilidade de compartilhamento de experiências e saberes de outras áreas do conhecimento apresentam-se como motivações que os levaram a participar do projeto. Segundo Tardif (2002, p. 70), isso ocorre porque “os saberes dos professores são temporais, pois são utilizados e se desenvolvem ao longo de uma carreira, isto é, ao longo de um processo temporal de vida profissional de longa duração”. Por esse motivo, as pessoas tendem a encontrar espaços de aprendizados e trocas de experiências em projetos de extensão, como ocorreu no *FIC no Campus*.

Segundo o conceito de dialogicidade de Freire (1977), docentes e discentes são sujeitos do conhecimento e aprendentes, e, assim, torna-se essencial promover no espaço da sala de aula um encontro de indivíduos que buscam conhecimentos por meio de diálogo, comunicação e colaboração. Corroborando com esta afirmativa, destacou-se a participação de P5 no projeto de extensão *FIC no Campus*:

Entrei no projeto FIC no Campus a convite de sua coordenadora P1 que já conhecia de outros momentos de convivência na Universidade do Estado de Minas Gerais. Nossos laços se estreitaram principalmente durante os acontecimentos referentes à Lei 100, que atingiu quase cem mil trabalhadores da Secretaria de Estado de Educação/MG, e se desdobraram para ações de lutas via sindicato pelos direitos e a carreira dos professores [...] este foi um dos motivos de aceitar o convite de ingressar nesse projeto extensionista da UEMG. A forma democrática de participação, relacionamento e tratamento entre seus integrantes, tanto entre os docentes como entre vários outros discentes que de alguma forma atuam ou atuaram em várias oportunidades nas ações e reuniões desenvolvidas pelo FIC no Campus. Tendo como momento maior as nossas reuniões, que em grande parte acontecem às sextas-feiras na parte da tarde, ali se concretiza o outro motivo particular que acabou me seduzindo a integrar o projeto.

Freire afirma que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1977, p.69). Isso pode ser observado no relato do docente P7: “o projeto foi essencial para aprender mais [...] estabelecer relações de trocas de conhecimentos entre a Escola de Design e outras unidades da UEMG”

Nessa direção, Gadotti (2017) pontua que esse é o papel da extensão: superar a visão acadêmica para permitir essa troca e a integração dos saberes. Gadotti (2017, p.5) destaca que “a Extensão realiza, por excelência, o sentido da universidade, já que tem uma função

integradora e articuladora da vida universitária como um todo”, mas um desafio mantinha-se presente: *Qual a relevância das ações de artes para essa construção de conhecimento?*

Verificou-se que, ao abordar o tema sobre o envolvimento da arte em projetos de extensão, seria necessário abrir um campo de reflexão sobre sua relevância não apenas nos currículos e nas instituições de ensino universitárias, mas voltado para a formação humana de sujeitos críticos reflexivos (GADOTTI, 2017). Por isso, foi solicitado aos participantes para falarem um pouco sobre a experiência com as atividades realizadas no projeto de extensão e posteriormente para relatar um exemplo de uma ação de Artes Visuais e sobre a relevância para sua prática docente. Eis o relato de P4:

O FIC no Campus tem proporcionado a mim a possibilidade de ampliar as conexões com a UEMG, com os professores e professoras das outras unidades participantes do projeto, e a oportunidade de desenvolver e colocar em prática a proposta de expor a diversidade musical já existente na EsMu e de conhecer novos espaços da cidade e ressignificá-los, como as unidades do Campus Belo Horizonte. Gostaria ainda de relatar de como a diversidade, tema recorrente em minhas práticas docentes, o que inclui as pesquisas já realizadas na área da Etnomusicologia, também veio à tona durante a visita guiada, uma vivência única e transformadora sobre a riqueza da história do Cemitério do Bonfim, em parceria com P5 juntamente com a professora participante do projeto ambos da Escola de Design. Essa vivência resultou numa oficina no FIC realizada na ED, por mim e P5, sobre a experiência fotográfica e a paisagem sonora acerca do espaço do cemitério, e também dos significados ali existentes, entre a morte e aqueles que ficam para expressar a sua dor e perda, abordando conseqüentemente as questões existenciais sobre a vida e a morte. A paisagem sonora proposta pelo pesquisador e compositor musical Murray Schafer (2011) foi um referencial para ajudar a perceber esse momento que dialoga com a etnomusicologia ao descrever parte da história da cidade de Belo Horizonte quando lida com as histórias de seus mortos e de sons possíveis que ali puderam estar. Essa proposta apenas se iniciou.

As atividades realizadas na visita guiada ao Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, contaram com a participação dos educandos e docentes das unidades acadêmicas da Escola de Música (EsMu), Escola de Design (ED) e Faculdade de Educação (FaE), objetivando construir conhecimentos em Artes a partir de vivências/experiências visuais e sonoras desenvolvidas no espaço cemiterial, repleto de história, signos e símbolos na arte e arquitetura tumular.

Por meio dessa experiência, relatada na carta de P4, entendeu-se a importância do projeto de extensão para o desenvolvimento da autonomia profissional a partir das práticas docentes que dialogam. Tal afirmativa efetiva-se ao promover uma comunicação que seja a troca de saberes entre os interlocutores, potencializando a voz que já existe, promovendo ações

de caráter educativo. Para que isso aconteça, é preciso renunciar à definição assistencialista da extensão, oportunizando a construção de sujeitos críticos, reflexivos e autônomos.

Nesse sentido, foi observado que as experiências envolvendo as Artes Visuais poderiam surgir como proposta de construção de conhecimento crítico-reflexivo e para o desenvolvimento de processos criativos voltados para uma formação humana. Tais ações demandam autonomia e diálogos, ao serem elaboradas pelos docentes, como prática libertadora e reflexiva (GADOTTI, 2017).

Verificou-se o entrelace entre a formação docente e a extensão universitária na descrição de P1:

Esse início de minha trajetória docente [...] foi intensamente formativo e provavelmente forte influenciador da maneira como atuo em projeto de extensão universitária. Além da experiência, a perspectiva de formação humana unilateral sempre foi trilhada nos diferentes campos de atuação, em que a corporeidade é reconhecida como o centro do processo. Nesse sentido, entendo que as Artes Visuais, assim como as práticas corporais, são manifestações inerentes à formação humana. A construção da prática docente desenvolve-se ao longo do tempo. Na medida em que se prepara para ensinar, estuda-se o tema, os conteúdos a serem trabalhados, em busca de estratégias que facilitem o entendimento do outro. Ao mesmo tempo, observa-se o outro, interage-se com ele, construindo uma relação capaz de proporcionar envolvimento diante do que se pretende ensinar. Trata-se de um processo complexo, em que a prática docente constante é fundamental nessa construção. É comum identificarmos as Artes Visuais compondo ambientes de formação, despertando a participação de pessoas nas atividades, especialmente em grupos.

Já P7 descreveu:

A extensão universitária proporciona tempo e espaço para essa formação e integração docente. Portanto, pensar a formação continuada é agir na sociedade que se pretende construir. Mesmo que pareça utópico. Mesmo que seja com pequenas ações, o importante é que tenham sentido para o grupo em formação.

Ambos os docentes relataram que o projeto de extensão, por meio das Artes Visuais, despertou a participação, o olhar crítico e permitiu a reflexão para a própria prática profissional em prol de uma construção social. Larrosa Bondía (2002, p. 24) salienta que para que haja experiência é preciso que algo nos aconteça e isso exige “interrupção, parar para pensar, olhar, sentir, suspender a opinião, o automatismo da ação, cultivar a delicadeza, a atenção [...] dar-se tempo e espaço”, o que tornou-se possível por meio das ações culturais em arte, segundo os relatos dos professores.

A realização da visita guiada ao cemitério do Bonfim ofereceu a prática docente de cunho artístico denominada, para P5, como “sala de aula expandida”. Segundo o docente, a atividade ofereceu aos participantes momentos de apreciação do acervo cemiterial e resgate das memórias de da cidade de Belo Horizonte.

Foi uma experiência conduzida por uma historiadora e professora da Escola de Design da UEMG, que trouxe a proposta de compartilhamento com a sociedade a diversidade cultural e patrimonial do Cemitério do Bonfim. Ela é responsável pelo projeto *Visita guiada ao Cemitério do Bonfim*, com a parceria da Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica (FPMZB), Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) e Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico (IEPHA)

A professora iniciou sua prática com estas palavras:

Estamos diante de um museu a céu aberto na nossa cidade, o Cemitério do Bonfim, como é conhecido, é a necrópole mais antiga da cidade, construído e inaugurado na mesma época que a capital mineira (em 8 de fevereiro de 1897), pela Comissão Construtora da Nova Capital. Pode ser observado que o traçado arquitetônico do cemitério obedece ao traçado geométrico da cidade. Ele é composto por 54 quadras, divididas entre duas alamedas principais e diversas ruas secundárias.

Ela considera o cemitério como fonte de pesquisa de vários profissionais, devido a seu acervo histórico, definido por esculturas decorativas de túmulos e mausoléus, com autoria de diversos escultores italianos que vieram para o Brasil em fins do século XIX; são obras de arte de estilos diversos, desde a *Belle Èpoque*, o *Art Déco*, ao Modernismo brasileiro, espalhadas pelo cemitério.

P5 explicou, na reunião de planejamento do semestre em 2019 do *FIC*, que a atividade proposta no cemitério buscou articular o universo da fotografia juntamente com a experiência sonora proposta por P4 e destacou as seguintes considerações:

Por exemplo, quando você olha para uma imagem e você não sabe nada sobre ela você se apropria através de quem você é. Das suas memórias, aí você vai se apropriar sobre aquela imagem, vai fazer inferências. Na visita guiada recebemos muitas informações da professora pesquisadora Marcelina, mas por mais informações que eu tenha recebido eu percebo Arte da minha maneira, porque eu vivi uma vida e já a pessoa que está do meu lado recebendo as mesmas informações será de outro jeito porque ele tem outra vivência. Eu vou ver coisas que ele não vê, recebendo as mesmas informações e vice-versa. Eu e ele sentimos também coisas distintas, diferentes, pode não ser semelhante, porque ele tem uma memória de vida e eu outra. Esta foi uma atividade que buscou envolver a memória cultural, fazendo para aprender,

refletir a importância das Artes Visuais no ato educativo por meio de práticas, o contato com as memórias.

Compreende-se que a arte, como campo do conhecimento, pode oferecer elementos para investigações diversas e interlocutórias para além da sala de aula. Percebe-se que a abordagem realizada por P4 pode oportunizar uma série de significações, que podem envolver o senso estético, a sensibilidade e a criatividade (PEREIRA, 2006).

Observou-se que, na atividade realizada no cemitério, os estudantes tiveram a oportunidade de contato com os objetos expressivos humanos ao nosso redor, nos espaços que foram percorridos pelo grupo na atividade guiada. Cada espaço visitado oferecia diversos objetos expressivos que remetiam à seguinte inquietação: *Como nós, professores, vamos nos colocar diante desses objetos expressivos?*

Percebe-se que o educador pode explorar as possibilidades no ensino de arte, e o “estudo da arte possui uma ampla relação com diversas áreas do conhecimento” [...] “ressaltamos a importância da inclusão constante, no processo educativo, da curiosidade frente ao conhecimento”, compreendendo que se pode desenvolver a criatividade ao instigar a dúvida (PEREIRA, 2006, p.21-24).

Conjuntamente, foi realizada uma prática com os alunos, que registravam com suas máquinas fotográficas a paisagem, pessoas e objetos que compunham o espaço do cemitério, sob orientação de P5: *registrem; observem sem pressa; pensem sobre suportes, existe consistência física para a arte? A apreensão fotográfica dos objetos expressivos humanos presentes naquele espaço permitiu que os estudantes explorassem um novo modo de se relacionarem com o Cemitério, construindo novas perspectivas de conhecimento e de registro das imagens.*

Pereira (2014) convida para significativas reflexões, destacando que, se observarmos o nosso entorno presencialmente ou por meios de comunicação, em cada canto podemos deparar com objetos que contam histórias. Que histórias são essas? Que elementos elas apresentam? São elementos de contradição em relação às formas de poder ou/ elas ratificaram formas de poder?

Pensando em práticas educativas sobre o conhecimento em Arte, a percepção e suas relações, Pereira (2014, p. 16-17) aponta acerca da “investigação do papel da emoção na constituição cognitiva e cultural do saber” que evidenciam uma interlocução entre “a emoção e

a racionalidade como preceitos para o arte-educador abordar a expressão em arte em sua atuação educacional” (PEREIRA, 2014, p. 16-17).

Articulada a essa ideia percebeu-se que a prática no cemitério sugestionou aos participantes o conhecimento e a observação dos objetos expressivos que circundam a paisagem do cemitério. A arte ofereceu a oportunidade de conhecê-los com necessidade ou por espera (PEREIRA, 2014), ou seja, colocar-se ativo diante do objeto e refletir: quem fez isso e por quê? Uma prática que envolveu práticas educativas para promover o desenvolvimento do olhar e de escutas históricas.

Após estas reflexões, P5 apresentou ao grupo em formação os registros fotográficos e, juntamente com P4, relatou as vivências denominadas *imagens sonoras*, sugerindo averiguações futuras.

De modo semelhante, quando P12 destaca a realização da oficina de gravura nos encontros de formação, percebe-se que ele buscou realizar ações que, segundo Ostrower (1978) e Pimentel (2015), oferecem um referencial da arte abarcando a temática interdisciplinar e a criatividade como um potencial próprio de todos os humanos na construção do conhecimento. A prática da oficina de gravura envolveu percepção, formas, intuição e imaginação: uma abrangência de processos criativos que possibilitou criar gravuras, desenvolvendo algo inédito. Isso é notório no relato de P7, que destacou:

[...] durante a oficina, pude enriquecer meus conhecimentos sobre Artes Visuais e transversalizar-los [sic] com o ensino da música que é a minha área [...], construção de conhecimentos sobre Artes Visuais [...] pude diferenciar melhor o enorme leque que a compõe e a diferenciar das artes plásticas, por exemplo.

Semelhante a isso, P6 destacou que *[...] o mais interessante foi a troca de experiências entre professores de diferentes unidades da UEMG [...] construímos muitas ações coletivas. Propusemos vivências aos colegas e alunos de outras áreas.* Essa atividade possibilitou ao grupo de professores de diferentes áreas de conhecimento realizar processos criativos de gravura, desenho de observação e pintura. Para isso foi necessária a possibilidade da experiência que Larrosa Bondía descreve:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar, parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender

o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24).

A experiência de exercitar o olhar explorando os sentidos por meio de diversos formatos e abordagens, como a gravura, a pintura e o desenho de observação, pode sugerir uma linha de investigação voltada para o caráter representativo da criação do desenho construído e a diversidade de suporte para desenvolvimento de novas práticas docentes. Percebe-se que a observação das linhas e os processos criativos que ocorreram na oficina de gravuras vão além da arte para o viver humano, como pontua Ostrower (1978).

Singulares declarações também podem ser observadas no registro de P4 que realizou uma carta poética, inteiramente citada abaixo:

No Banheiro do FIC da UEMG

Te mete, te joga, vem, vem, vem, vem, vem, vem, vem co 'a gente, Tomar banho de chuva, Tomar banho de cheiro, Depois se jogar no banheiro! Banheiro, banheiro, banheiro, banheiro, banheiro Banheiro, banheiro, banheiro, banheiro Banheiro, banheiro, banheiro, banheiro, banheiro É água de chuva, é banho de cheiro É água de chuva, é banho de cheiro A pororoca passou, banheiro deixou Banzeriou, banzeriou, Banzeriou, banzeriou Banzeriou...⁵

Refletiu-se também em outro trecho da carta acerca das possíveis reverberações nas práticas docentes: *Mudar de lugar, deslocar-se, esvaziar, estranhar, experimentar e talvez encontrar* (P4). As diferentes práticas de construção de conhecimento envolvidas pela arte sugerem possibilidades de recriar, uma constante busca por respostas do estar no mundo consigo e com o outro.

Sobre esse processo criativo, o fazer artístico, o ensino das Artes Visuais e a teoria das artes, Ostrower descreve a experiência nas Artes Visuais para todas as áreas do conhecimento, não privilegiando nenhuma área específica ou saber. Para Ostrower (1978, p.5), “as potencialidades e os processos criativos não se restringem, porém, à arte. [...] O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e

⁵ [1] Vídeo Dona Odete - (Pará), disponível em https://youtu.be/iBa_udVTfWI Acesso em 20/08/ 2019.

viver se interligam”. Percebe-se que a arte pode oferecer elementos para a formação docente, oportunizando a reflexão crítica e consciente dos educadores e do seu papel social, criando práticas voltadas para a transformação e humanização dos indivíduos.

As Artes Visuais foram citadas, nas cartas, como um campo amplo de experimentações e proposta de construção de conhecimento. P1 entende que *as Artes Visuais, assim como as práticas corporais, são manifestações inerentes à formação humana*. Segundo sua observação, *geralmente é comum identificarmos as Artes Visuais compondo ambientes de formação, despertando a participação de pessoas nas atividades, especialmente em grupos*. Verificou-se, nos relatos das cartas, que as Artes Visuais estão cada vez mais presentes nos espaços de formação cultural. A relevância e o envolvimento com as Artes Visuais foram destacados por P1 da seguinte maneira:

O modo como o projeto foi pensado articula uma experiência relativamente recente, em 2014, coordenando na universidade em que trabalho, o Pacto pelo fortalecimento do Ensino Médio, Programa do governo federal. Embora os objetivos desse programa não anunciassem as Artes Visuais em suas ações, muitas práticas construídas pelos grupos em formação traziam elementos dessa natureza para a composição nas temáticas abordadas. Nesse processo, a Arte abria espaços para as discussões, especialmente, por trazer o sensível, o abstrato, aquilo que não se consegue traduzir em palavras, que simplesmente toca/instiga o outro a verbalizar algo, buscando um sentido. Esse processo de concatenação de ideias potencializa a formação continuada ao ouvir o outro e conhecer as suas impressões diante de diversas produções artísticas.

Essa afirmação remete a que a construção do conhecimento é um processo complexo, edificado considerando as relações entre os sujeitos e também a articulação de saberes experienciais demandados no trabalho docente. Nesse processo, os espaços e possibilidades de socialização de reflexões contribui para a formação continuada de professores. Larrosa Bondía (2002, p. 20) recorda que "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca", sendo compreendida por meio das vivências e experiências artísticas, que trouxeram inspiração para a pesquisa. Observou-se que "as potencialidades e os processos criativos não se restringem, porém, à arte. [...] O criar só pode ser visto num sentido global, como um agir integrado em um viver humano. De fato, criar e viver se interligam" (OSTROWER, 1987, p. 5). Em sua entrevista, P9 declara que:

O meu trabalho é uma eterna anotação do dia a dia, onde situações que vão das mais prosaicas a mais líricas tomam conta do espaço. Não busco uma mera retratação de momentos, mas solucionar situações propostas por mim onde as linhas no lugar das Letras poetizam as formas.

Ostetto e Kolb-Bernardes (2015) discutem questões relacionadas à utilização de recursos expressivos e materiais para abrir espaços voltados para o compartilhamento de experiências vividas e para a formação estética. Essas possibilidades advêm de cursos de formação continuada de professores, como o *FIC no Campus*, que visam à aproximação dos processos de criação a partir da arte, destacando que o uso de materiais expressivos permite a exploração sensorial e cognitiva, apontada por Ostetto e Kolb-Bernardes (2015, p. 172):

[...] potencializando as múltiplas interfaces do conhecimento de si, na relação sentimento-pensamento com e sobre o mundo (interno e externo a cada um), provocando diálogos de inteireza e intensidade vividas; onde o sensível e o inteligível são acionados, transformando saberes.

No decorrer da entrevista, os professores também destacaram a respeito da sua trajetória acadêmica na UEMG, seus desafios profissionais, o envolvimento com o projeto e algumas ações desenvolvidas na formação. Verifica-se que o impulso criativo acontece por meio do conhecimento teórico, e que a arte dá sentido à vida e permite ao ser humano desenvolver o seu potencial criador. Isso pode ser observado na transcrição da entrevista realizada com P6:

No meu caso, eu propus uma coisa, seria um desafio que o pessoal da pedagogia gosta muito, mas que me incomoda, que é a questão do ensino de artes com muitos estereótipos, isso está bastante presente nas escolas. Muitos docentes ainda trabalham com cópias, cadernos para colorir então o universo ainda gira em torno desse conhecimento mais estereotipado, pouco profundo não é que talvez seja mais fácil ensinar desse jeito que não é nem ensinar, mas estar dentro de um padrão que não corre risco.

Em relação à experiência com as atividades de Artes Visuais no projeto de extensão *FIC no Campus*, os professores responderam de formas variadas. Pimentel (2015, p. 186) afirma que é no “campo do pensar, sobre os sentimentos que a arte-educação tem seu papel chave na educação”, mas este campo do pensar precisa estar alicerçado no conhecimento. Por esse motivo, as vivências foram associadas às teorias.

No que tange à ação de Artes Visuais, os professores afirmaram valorizar o conhecimento de práticas que se entrelaçam com diversas áreas e suas articulações com a formação continuada, como apontado na entrevista de P6:

Conversando, materializando, através de atividades criadas em conjunto. Intervenção na rua, rodas de dança circular. Uma forma de materializar, de dar corpo ao FIC no Campus. [...] essas experiências foram importantes educacionalmente [...] o que se espera da educação contemporânea no ensino de Arte? Essas experiências de como elas seriam na educação ... inquietações... uma boa reflexão... muitas incertezas nos encontros do FIC isso está presente intencionalmente. O desejo é promover o conhecimento em Arte.

Considerações como essa revelaram sobre o envolvimento da Arte nos espaços curriculares como fundamentais. Destacou-se, nos relatos, que o entrelace entre as práticas disciplinares voltadas ao desenvolvimento cultural e para a formação estética criativa convidaram para a realização de uma reflexão crítica sobre as práticas. Também foi destacada a importância de se elaborar atividades artísticas, lúdicas e corporais rumo à construção de conhecimento, conforme revelado na carta de P1, sobre as ações realizadas pelo projeto FIC no *Campus*:

Nesta época, a coordenadora do projeto, P1, organizou junto com P7, também da FaE, uma formação que tinha como foco questões relacionadas à Educação, Política e Estética. O P7 não considerava que esses momentos de encontro, às sextas, se configurassem como minicurso. Ele preferia chamar de itinerários de formação. Esses encontros duravam cerca de 4 horas. Eram discussões intensas sobre: o corpo como fio condutor em Nietzsche; a origem e o conhecimento da estética na modernidade; o criticismo kantiano, entre outras temáticas. Foram momentos de intensa aprendizagem e desafio para mim. Como era difícil penetrar nos textos de estudo e compreendê-los a fim de produzir conhecimento.

Compreende-se que, ao construir tais ações formativas, os professores organizadores do *FIC no Campus* não somente vivenciavam práticas no contexto da educação e da arte, mas se desprendiam de aspectos do trabalho docente, suas demandas, anseios e dificuldades, articulando ações em prol de projetos comuns.

P2 também destacou a relevância de trocas e compartilhamento de vivências na formação para construção de conhecimento.

Quando eu entrei a gente conversando, o professor estava falando muito do processo da gravura linkando um pouco como que acontece o processo de criação em artes, a gente sentiu necessidade primeiro de falar dessa área nossa, como que a gente atua, como que esse conhecimento em arte acontece porque às vezes a gente sente que fica um pouco distante das outras áreas. Ele trouxe os processos de apresentar a gravura. Nós começamos apresentando a escola Guignard, mostrando como funciona uma escola de arte e toda sua diversidade, também a sua riqueza de técnicas. Então nós fomos em todos os ateliês, de pintura, de gravura etc.

Percebe-se, por meio de relatos, um conjunto de vivências e experiências que remetem ao exercício do olhar, como na fala de P6: *estamos imersos em abundância de imagens que podem permitir uma construção contínua do olhar por meio de vivências diárias*. Ao relatar uma atividade realizada com seus alunos com o objetivo de “exercitar o olhar”, P6 relata que *passamos despercebidos, desatentos por inúmeras linhas sem compreender o que elas*

representam. E questiona: *O que estamos captando com o nosso olhar? Como elaborar práticas significativas a partir desse olhar?*

Nas falas das reuniões do FIC, verificam-se discussões a respeito das vivências realizadas nos encontros para pensar, o que foram essas práticas educativas e até onde poderiam chegar. P8 destacou:

O que vamos fazer em sala de aula é apresentar universos [...] se vai mudar ou não vai depender de cada um e não do professor somente. A proposição é o ponto de partida. Vai depender de cada um. Para onde eu quero chegar com esse ponto de partida? Quais as possibilidades? Essa é a questão. Todo mundo entende de Arte e quer ensinar Arte [...] isso não é errado. Mas o que eu quero dizer é que essa experiência foi importante educacionalmente! Ela foi importante para o ensino de Arte.

P1 também revelou que:

Veja bem o Pedagogo discutindo o ensino de Arte, discutindo sobre educação; o que se espera da educação contemporânea? O que isso tem a ver com o ensino de Arte? Essas experiências do FIC [...] como ela seria na educação no ensino de Arte contemporânea. Então cabe a seguinte reflexão [...] não importa o que eles já sabem é o que está levando que importa, penso que o importante foi a vivência o conhecimento de Arte.

P8 contribuiu na discussão da seguinte maneira:

Quando se propõe uma atividade temos que pensar que: Por que você propôs esta vivência? Esta é a questão [...] Qual é a sua participação dessa vivência e onde ela pode se transformar o ponto de partida para o conhecimento, para o conhecimento de outras obras de arte, outras formas de pensar e de outros autores [...] Ela é um ponto de partida. E é muito importante a reflexão: Um dia de vivência não se ensina Arte [...] a gente só consegue através daquilo que já conheceu daí a importância da memória cultural.

Por meio dessas inquietações surgiram propostas para realizar outras oficinas, envolvendo desenhos, gravuras e modelagem. Foram momentos que buscaram exercitar coletivamente a *(des)construção do olhar*, como apontou P12:

Eu gosto muito de sair do meu campo de conhecimento e atuar junto com as outras pessoas. Isso aí é maneira que eu escolhi para trabalhar tanto com projetos interdisciplinares [...] trabalho no hospital das clínicas com os médicos, trabalho na rua com intervenção urbana, [...] de forma interdisciplinar [...] que não está só na forma de Artes Visuais, cada um trabalha junto com seu conhecimento. No caso, eu venho com as Artes Visuais, mas agora entrou P4 da EsMu e a P2 da FaE que também é da área da educação.

Paralelo a isso, P1 relatou sobre a realização da oficina de gravura realizada com os professores em formação, que oportunizou significativos registros de objetos. Inicialmente, foram colocados alguns objetos para observação e foi realizada a seguinte provocação: *O que você está vendo? Registre apenas as linhas.* Para P9, isso *faz da educação ser também uma arte, é o ato de ver e conhecer.* Os participantes fizeram manchas no papel e, posteriormente, confeccionaram as gravuras em metal, desenhando os objetos ali em exposição, como descreveu P9:

Documentação que considero registros de um caminhar onde a ponta de aço corta a cera macia para que o aço grave, sensações tão puras na dureza do metal é também um tatuar de situações e emoções da introspecção de quem as vê [...]. Um emaranhado de desenhos que povoam toda gravura com raízes de uma árvore presta muito bem para esse jogo; Jogo este que cada olhar com o número de linhas e manchas também recriam situações para uma permuta e para um resgate [...] no gesto de cada traço vem toda uma história a ser desvendada.

Esses momentos poéticos realizados durante a oficina teceram a poesia, “*vivências...lutas por direito*” (P9). Tais ações promovem oportunidades de entrelaçamento de saberes para se desenvolver a prática em sala de aula e o ato de conhecer, como completa P9:

O olhar que visita este espaço, às vezes quadrado, às vezes retangular, tropeça em pequenos objetos espalhados displicentemente por todo o seu caminho. Quem nunca guardou lembranças, quem nunca guardou um galhinho de árvore, uma folha interessante, uma pedrinha que encontra feliz, uma sementia, uma peninha colorida tudo isso são pequenos pedaços para uma linha só. A figura não aparece ou raramente aparece nas gravuras [...]. Quando acontece vem sempre, num perfil numismático, não preciso mostrar, não quero mostrar.

O trecho demonstra a importância da inclusão constante, no processo educativo, da curiosidade frente ao conhecimento. No perceber, no analisar, no experimentar e no racionalizar, como afirma Pereira (2006, p. 24) “desenvolver a criatividade é instigar a dúvida”.

Ao analisar as respostas dos questionários aplicados, das entrevistas e das cartas, refletiu-se acerca da natureza do projeto, conforme citado por P1, que apresentou momentos de vivência e o envolvimento com a política educacional e a arte. Pereira (2006) salienta que ao produzir um objeto, o artista precisa associar a racionalidade e a emoção. Assim, as propostas artísticas culminavam em discussões racionais e políticas, propondo um novo olhar para os problemas sociais e culturais que afetavam a vida destes profissionais. Esta temática foi notória durante as entrevistas, as quais demonstraram que, sutilmente, o projeto *FIC no Campus* apresentava-se com um caráter político. Este aspecto foi observado na elaboração das práticas

docentes de Artes Visuais que oportunizaram processos de construção do conhecimento, desenvolvimento do olhar e pensamento crítico/político.

Para maior entendimento desse caráter político do projeto de extensão FIC no *Campus*, foram analisados os relatos e as respostas obtidas nos questionários, nas cartas e nas entrevistas, que sugestionaram tal investigação, como apontado por P1:

O sentido da universidade é também político. Interagir nos diversos campos e áreas de conhecimento são fundamentais para o fortalecimento da categoria docente e da comunidade universitária. Um exercício de cidadania para todos os envolvidos: estudantes, professores, técnicos-administrativos e comunidade externa.

Compreende-se que o papel da educação como um ato político oportuniza processos criativos e reflexivos que fortalecem a categoria. Pereira (2006, p.36) destaca que a “própria contextualização de uma obra” pode apresentar “elementos concretos para interpretação” e “também uma imensa carga subjetiva” que surpreende pela pluralidade de possíveis leituras e posicionamentos.

Com a intenção de promover práticas com experiências expressivas, durante os encontros de formação do *FIC no Campus* foram realizadas atividades de observação dos painéis urbanos e o contato com a arquitetura em diversos espaços da cidade, compreendendo que cada um desses objetos abarca uma história humana. Tal proposição, organizada pelo grupo de professores, promoveu questionamentos sobre a história e os contextos que os docentes devem levar às instituições de ensino, voltados para uma experiência educacional e a construção de conhecimento.

Morin (2001, p.45) destaca que “em toda grande obra, de literatura, de cinema, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana”. O autor destaca que a arte, os objetos artísticos e o conhecimento não são ferramentas capazes de transformar os sujeitos enquanto seres humanos, mas que quando o indivíduo aprende, ele muda, há uma possibilidade de tornar-se um ser humano diferente.

Exemplo disso foi a realização da prática denominada *Sala de aula ampliada*, em que se realizou com os estudantes e outros professores uma experiência em atividades artísticas com bordado, projeções em vídeo, desenhos, pinturas e gravuras. Foi um acontecimento no espaço da Praça da Liberdade, localizado na cidade de Belo Horizonte, que contou também a participação das pessoas que por ali transitavam. O envolvimento das artes e da experiência no

processo educativo possui um importante papel para o desenvolvimento humano e das interações sociais.

Percebe-se que as práticas que envolviam objetos artísticos na formação continuada oportunizaram o contato com os objetos e as histórias práticas, bem como a experimentação expressiva, despertando a curiosidade como mola mestra do conhecimento (MORIN, 2001). Desse modo, a formação continuada contribuiu para a criação de novas proposições educativas depois do envolvimento com o projeto, como no depoimento de P8 quando descreveu que os momentos de formação oportunizaram a possibilidade de ampliar o conhecimento e desenvolver novas práticas docentes:

Pensar de maneira macro sobre as possibilidades das relações de ensinar e aprender, refletir sobre minha prática por meio de diversos campos de conhecimentos, como a filosofia, educação, arte, música e outro e agir e criar proposições interdisciplinares.

P4 destacou que “a formação continuada é essencial para a educação” e destaca algumas reverberações para sua prática que envolveram este processo ao se relacionar com outros professores de diferentes áreas de conhecimento:

A proposta nas minhas atuações, seja na plateia, como ouvinte, seja na participação de oficinas dos professores, como a que ocorreu na Escola Guignard na oficina de gravura, ou na organização do evento, ou mesmo ministrando oficinas traz uma tônica, um ponto comum é o de proporcionar mostras de diferentes práticas musicais existentes, surgidas no interior da EsMu da UEMG, contemplando a diversidade musical/cultural das mesmas, e, além disso, também valorizar as práticas docentes em sua formação integral.

De modo similar, P3 salientou que *as Artes Visuais foram importantes para a construção de conhecimentos no projeto de extensão, pois elas, dentro das dimensões estética, ética e política têm sido a base do mesmo*. P7 relatou que, a partir da oportunidade da formação continuada e do envolvimento com os colegas, *pude enriquecer meus conhecimentos sobre Artes Visuais e transversalizá-los como o ensino da música que é a minha área*”. Já para P6, o mais interessante foi a troca de experiências entre professores de diferentes unidades da UEMG [...], *construímos muitas ações coletivas. Propusemos vivências artísticas aos colegas e alunos de outras áreas*.

Pereira (2014) apresenta uma reflexão sobre a construção de conhecimento, o contato com objetos artísticos e as atividades ofertadas no campo educacional, e destaca a importância da curiosidade e a construção de conhecimentos. De acordo com Morin (2001), o educador

necessita estar atento e curioso diante daquilo que ele vê e do que o cerca, sendo importante conhecer outras culturas e outras formas de pensar, além de respeitar o outro.

Desse modo, uma das funções da formação continuada realizada pelo *FIC no Campus* foi a de oferecer momentos de partilha e respeito nos espaços de convivência além do compartilhamento de múltiplos saberes. No que tange às ações de Artes Visuais, percebeu-se que os saberes circulavam e as áreas se entrelaçavam em busca do conhecimento em Arte, compreendendo que toda obra de arte traz uma grande história fundamental para a formação da cidadania e do ser humano (TARDIF, 2002; MORIN, 2001).

O conhecimento dessas histórias e trajetórias docentes envolvidas pelas ações formativas do projeto permitiu vincular a natureza estética à filosófica, conforme apresentado por P6:

A filosofia por natureza não é um campo, a priori, das especializações como a ciência [...] ela é um campo que permite a conversa que flui com outros campos [...] poder conversar, realizar atividades e ter interlocutores, discutir o campo da estética com pessoas que possuem outras formações com outras perspectivas, eu acho extremamente interessante, por isso é que eu acho peculiar essa questão de eu ter podido falar sobre estética no FIC. Remete a Platão [...] empregar, utilizar a formação como cultivo para sua humanidade, para se tornar um Aristóteles. A dimensão do conhecimento é um desdobrar em uma maneira de viver. Cada momento, cada sala de aula, cada contexto específico é um conjunto diferente que compõem um ciclo encontro. E aquele encontro vai compondo os afetos, as intencionalidades [...] o que eu vou fazer com aquilo que eu aprendo? O conhecimento e a formação envolvendo a Arte passa pela experiência da obra como algo autônomo. Por exemplo no âmbito das imagens, da visualidade [...] quando a gente escuta uma música, ela tem a ver com a sonoridade mas ela desperta a imaginação, imagens.

P6 também destacou que a experiência de *ser professor tem um aspecto autoral no sentido que pensar no conflito entre o professor e o filósofo (...)* essa ideia de que o professor é mediador de conhecimento. Verificou-se que as ações envolvendo manifestações artísticas ofereciam sentido às práticas docentes articuladas ao processo de construção do conhecimento, pois, segundo Ostrower (1978), a arte é um instrumento capaz de produzir transformação e humanização. Nesta direção, percebeu-se que a arte permitia a leitura do mundo partindo da própria cultura do indivíduo e suas vivências.

Em outro momento foi citado por P6:

Meu trabalho nunca foi puramente “Estética” ele sempre teve desdobramentos, interlocuções com outras áreas. Até porque o filósofo estabelece relações da estética com o sistema filosófico de uma forma mais ampla. Um exemplo é quando estamos estudando os textos de Kant, lemos

uma passagem onde ele está discutindo especificamente o juízo de gosto, mas o que tema mais reverberado [...], na minha prática, é mais essa possibilidade de trabalhar o tema. Pois eu acho extremamente importante para a educação, para a formação, mas que de certa forma, tirando os cursos de Arte. Na educação, estou generalizando um pouco e posso estar cometendo um grande equívoco aqui, mas no geral [...]. A questão da estética agora que vem entrando um pouco mais nos cursos de Educação.

No entanto, durante a pandemia de Covid-19, o projeto *FIC no Campus* precisou se reinventar. As manifestações artísticas passaram a ocorrer de modo remoto, para evitar os encontros presenciais e, conseqüentemente, a propagação viral. Os estudantes, educadores, técnicos e sociedade estavam se adaptando às ações por meio remoto, conforme identificado por P2:

Fizemos muitos seminários via Youtube, Sim! Aprendemos a lidar com plataformas de transmissão, plataformas de inscrição, listas de chamada online, entre outros recursos. Todos esses seminários foram transmitidos pelo canal FIC no Campus. Foram experiências muito novas e instigantes para todos.

Tais ações utilizadas pelos educadores oportunizaram momentos e experiências de aprendizagem, com ênfase no contexto remoto síncrono, com a intenção de reforçar não somente a interação afetiva e motivacional, mas para atender uma necessidade de contato que surgia na comunidade acadêmica, devido à pandemia. Esta foi a maneira encontrada pelos organizadores do projeto para oferecer momentos de compartilhamento de experiências entre docentes e discentes, das diferentes unidades, compreendendo a importância e necessidade de acesso aos conhecimentos no campo da Arte. Foram inúmeros os desafios e perspectivas que envolveram a formação docente, os saberes e as experiências de aprender/ensinar Arte, conforme Barbosa destaca:

[...] A escola seria a instituição pública que pode tornar o acesso possível para a vasta maioria dos estudantes em nossa nação. [...] Sem conhecimento de arte e história não é possível a consciência de identidade nacional. A escola seria o lugar em que se poderia exercer o princípio democrático de acesso à informação e formação estética de todas as classes sociais, propiciando-se na multiculturalidade brasileira uma aproximação de códigos culturais de diferentes grupos (BARBOSA, 2012, p.34).

Esse contexto pandêmico de isolamento modificou a educação brasileira e instituiu o ensino remoto no país (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020). No Brasil, a pandemia de Covid-19 demandou o distanciamento social como medida de segurança e redução de danos à saúde pública (BRASIL, 2020). Paulatinamente, o país paralisou e reinventou o formato de oferta de

atividades, como no contexto educacional, que suspendeu as aulas presenciais e modificou o formato de ensino tradicional (CUNHA; SILVA; SILVA, 2020, p.28).

A partir dessa normatização, devido à necessidade do isolamento social, ocorreu o processo de migração para a plataforma online de ensino, em um espaço limitado de tempo que obrigou os educadores a elaborarem atividades que pudessem ocorrer neste prazo e na modalidade a distância. Diante desse quadro, P5 destacou que a *utilização dos celulares permitia aos estudantes a experiência com as imagens [...] os registros por meio da fotografia, recorrente presença na vida das pessoas e a circulação pela internet poderia ser utilizada como inserção na educação das Artes Visuais*. Em relação às práticas desenvolvidas no momento de pandemia, P5 destacou que, *“por meio da fotografia, realizei com meus alunos registros de imagens cotidianas buscando problematizar e promover discussões para refletir a situação atual*.

Outra prática relatada na formação foi a de P8, docente da disciplina *Desenho de paisagem: O que vejo da minha janela?* que oportunizou aos discentes a representação por desenho, pintura, colagens e suportes livres acerca da *representação pandêmica na sociedade na qual vivemos*. Esta prática possibilitou rodas de conversas sobre suicídio, com a participação de especialistas das áreas de Saúde, Pedagogia e Filosofia.

Nos eventos aconteciam oficinas, apresentações musicais, produções de vídeo, exposições de fotografia, tanto de estudantes quanto de professores da EsMu, ED e Escola Guignard. Segundo P5, *essa ideia surgiu após os nossos encontros filosóficos*. Nesse sentido, P2 registrou que:

Em 2020, fomos surpreendidos pela pandemia do Coronavírus, algo nunca vivido pela maior parte da humanidade. Contexto de Isolamento Compulsórios. Cenário nublado, sem esperança, mergulhados em completa solidão. Nesta época, a coordenadora do projeto, P1, organizou junto com P6, também da FaE, uma formação que tinha como foco questões relacionadas à Educação, Política e Estética. P6 não considerava que esses momentos de encontro, às sextas, se configurassem como minicurso. Ele preferia chamar de itinerários da formação. Era estranho, a princípio, nos vemos na tela engaiolados [...] esses encontros duraram cerca de 4 horas [...] discussões intensas sobre: o corpo como fio condutor em Nietzsche; a origem e o conhecimento da estética na modernidade; o criticismo kantiano, entre outras temáticas. [...] todos nós, um olhando para os outros engaiolados, agregando vários outros colegas que não chegamos a conhecer presencialmente. Não me esqueço das cinco horas de reunião ouvindo P7 falar visceralmente sobre o conceito de democracia [...] nos ensinou a ter sangue nos olhos sem perder a delicadeza.

Durante o “itinerário formativo” de P6, os professores tiveram contato com produções de vídeos que destacavam a importância da utilização de máscaras e as medidas de segurança pública durante a pandemia. P5 realizou e apresentou suas produções e discutiu sobre os desafios para se desenvolver práticas e atividades com os estudantes durante o distanciamento social.

Os momentos de formação do FIC no Campus foram envolvidos por vivências educativas, que oportunizam ver e vivenciar momentos que estão diante de todas as pessoas, todos os dias, mas precisamos ampliar o olhar, a qualidade da experiência para que possa haver aprendizagem.

Observou-se que as duas modalidades, a presencial e a remota, tiveram ganhos e assinalaram eventuais dificuldades dos participantes. Em ambos os modelos, o projeto constituiu-se como importante espaço de encontro e de construção de saberes estéticos vivenciais. Embora as atividades remotas permitiram a participação de pessoas que eventualmente teriam dificuldades para comparecer presencialmente, na opinião de alguns professores, as atividades presenciais possibilitavam encontros em diferentes unidades da UEMG, estreitando as relações.

Presencial ou remoto, a formação continuada estava voltada para a formação de sujeitos críticos e reflexivos, que pensem sobre suas atuações e o impacto para a educação. Embora o grupo tenha se constituído por motivações diferentes, por unanimidade as intervenções no campo das Artes Visuais propiciadas pelos professores no projeto de extensão FIC no *Campus* reverberaram na formação dos participantes em relação às suas práticas docentes. O impacto pode ser percebido por meio de contatos com áreas antes desconhecidas, momentos e experiências de aprendizagem, novos questionamentos, novas reflexões, novas formas de perceber e pensar o mundo que os cercam.

Portanto, o projeto FIC no *Campus* vai além dos conhecimentos pré-concebidos pelos professores, este é apenas o ponto de partida. O que realmente importa é o que os docentes levam para suas práticas educativas a partir das propostas e vivências de formação continuada, que se tornam ainda mais reflexivas e próximas quando conduzidas pelas Artes Visuais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Decidi me dedicar a esta pesquisa devido ao meu envolvimento em projetos de extensão durante a trajetória acadêmica. Neste percurso, experimentei significativas temáticas de arte na educação, como as manifestações de fotografia e teatro. No entanto, uma inquietação se fazia presente: *Qual a relevância das ações de Artes Visuais para a construção do conhecimento docente?* Por este motivo, empenhei-me em investigar o impacto das intervenções no campo das Artes Visuais na formação de professores em relação às suas práticas docentes.

As análises dos relatos convergem para o entendimento de que o projeto FIC no *Campus*, com a presença de ações de Artes Visuais, estreitou as relações entre os sujeitos, permitindo trocas de experiências e estimulando o pensar para além dos conhecimentos pré-concebidos. Assim, as Artes Visuais atuaram como um elo para a construção coletiva de saberes na formação inicial e continuada.

Os professores destacaram aspectos de suas trajetórias acadêmicas na UEMG, como os desafios profissionais, o envolvimento com o projeto de extensão e algumas ações desenvolvidas na formação que se tornaram relevantes durante o percurso profissional. De modo geral, verifica-se o impulso criativo sendo sustentado pelo conhecimento teórico, demonstrando ser a arte um conhecimento essencial, que dá sentido à vida e permite ao ser humano desenvolver o seu potencial criador.

Os participantes também destacaram suas impressões a respeito do caráter político do *FIC no Campus*, uma vez que o projeto de extensão aprimorou o debate culminando na reflexão sobre a própria prática profissional em prol de uma construção social. Compreende-se o papel da educação como um ato político, pois oportuniza processos criativos e reflexivos, levando a se surpreender pela pluralidade de possíveis leituras e posicionamentos. Nos encontros do FIC no *Campus*, foram evocados questionamentos acerca da prática profissional e de seus direitos enquanto trabalhadores.

Verificou-se também que, ao contextualizar uma obra, ela pode oferecer elementos materiais para se compreender ou interpretar de forma subjetiva. Evidencia-se a importância de se compreender as Artes Visuais como fundamental na composição dos conhecimentos que compõem os currículos escolares de formação de professores. Os depoimentos destacaram que o entrelace de práticas disciplinares voltadas ao desenvolvimento cultural e à formação estética

criativa é um convite para a reflexão crítica sobre a docência, ou seja, refletir na elaboração de atividades artísticas, lúdicas e corporais como processo de construção de conhecimento.

As transformações na prática docente e continuada depois do envolvimento com o projeto FIC no *Campus* foi tema recorrente nos depoimentos e apresentou uma reflexão sobre esta construção de saberes, o contato com objetos artísticos e as atividades ofertadas no campo educacional. Compreendeu-se que o educador necessita estar atento e curioso diante daquilo que se vê, e do que o cerca, sendo importante conhecer outras culturas e outras formas de pensar e também respeitar o outro.

Por esse motivo, as propostas de Artes Visuais têm relevante impacto para a promoção de possíveis reflexões e criações de novas práticas pedagógicas em instituições de ensino, numa dimensão de dialogicidade e de democratização de saberes. Embora os professores afirmem ter observado reverberações em suas ações educativas, não foi identificada a presença das Artes Visuais efetivamente em suas práticas docentes após esse processo formativo.

Artes Visuais como fio condutor demonstrou ser um elemento significativo para auxiliar os docentes na elaboração de novas práticas que possibilitem maior flexibilização na formação humana, demonstrando que as pessoas tendem a encontrar espaços de aprendizados e trocas de experiências em projetos de extensão, como ocorreu no *FIC no Campus*.

O sucesso dessas ações está nas incertezas, estabelecendo um ponto de partida de refletir criticamente. Espera-se, com esta dissertação, contribuir para as discussões no campo da formação docente, suscitando novos estudos no âmbito das Artes Visuais em projetos de extensão.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Morte, cultura, memória - Múltiplas interseções:** Uma interpretação acerca dos cemitérios oitocentistas situados nas cidades do Porto e Belo Horizonte. 2007. 418 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Projeto de extensão Passeio pelo Bonfim** – visitas guiadas. Relatório 2012/2013. Belo Horizonte: Escola de Design/UEMG, 2013.
- ALMEIDA, Marcelina das Graças de. **Projeto de pesquisa e extensão Cemitério do Bonfim:** Arte, História e Educação Patrimonial - visitas guiadas. Relatório 2016/2017. Belo Horizonte: Escola de Design/UEMG, 2018.
- ARROYO, Miguel. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. **Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire.** Porto Alegre: Corag, 2001. p. 42-54.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte:** anos 1980 e novos tempos. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. **Abecedário de Arte e Educação.** CINEAD LEAV (2016). Entrevista. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Y8fYEjPDs5Q&t=590s>>. Acesso: em 08 fev. 2021.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002.
- BORGES, Liliana et al. P&E FIC no Campus Internacional: desafios tecnológicos em tempos de isolamento social. In: 22 Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG, 2020, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UEMG, 2020b.
- BORGES, Liliana et al. P&E FIC no Campus: ação de comemoração dos 30 Anos da UEMG em defesa da universidade pública, gratuita e em combate à evasão Formação Inicial e Continuada de professores. In: **Relatório FIC no Campus.** Belo Horizonte: UEMG, 2019b.
- BORGES, Liliana et al. P&E FIC no Campus: caminhos de interações e partilhas. In: 21 Seminário de Pesquisa e Extensão da UEMG, 2019, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UEMG, 2019a.
- BORGES, Liliana et al. Projeto FIC na FaE: ação de combate à evasão Formação Inicial e Continuada de professores. In: **Relatório FIC no Campus.** Belo Horizonte: UEMG, 2018.
- BORGES, Liliana. Projeto de Extensão: Formação Inicial e continuada na Faculdade de Educação. In: _____. **Relatório FIC na FaE.** Belo Horizonte: UEMG, 2017.
- BORGES, Liliana. **Relatório Projeto FIC na FaE.** Belo Horizonte: UEMG, 2016.
- BORGES, Liliana; BANDEIRA, Daniela Perri; GOMES, Laurici Vagner. A atmosfera de um Campus em construção. In: BORGES, Liliana; BANDEIRA, Daniela Perri; GOMES, Laurici Vagner (Org.). **A atmosfera de um Campus em construção:** educação, política e estética. Curitiba, CRV, 2022.
- BORGES, Liliana; CORRÊA, Shirley Beatriz de Castro Coury. FIC no Campus: circulação de saberes na universidade pública, gratuita e em combate à evasão. **Programa de Apoio a Projetos de Extensão da UEMG.** Belo Horizonte, 2020a.
- BRASIL. [Plano Nacional de Educação (PNE)]. **Plano Nacional de Educação 2014-2024 [recurso eletrônico]:** Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de

Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Edições Câmara, 2014. Disponível em: <<http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2016/creditacao/PNE%202014-2024.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2022.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. Brasília, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Parecer CNE/CP9/2001** - Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/009.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 188, de 3 de Fevereiro de 2020**. Declara Emergência em Saúde Pública de importância Nacional (ESPIN) em decorrência da Infecção Humana pelo novo Coronavírus (2019-nCoV). Diário Oficial da União, seção: 1, Brasília, DF: 4 fev. 2020. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Portaria/prt188-20-ms.htm. Acesso em: 28 abr. 2022.

CAMARGO, Maria Rosa Rodrigues Martins de. **Cartas e Escrita**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

CARVALHO, Carla Maria Nogueira de; SOARES, Ivanete Bernardino; COSTA, Mara Lúcia Rodrigues. (Org.) **Veredas e (re)configurações da formação docente**. Belo Horizonte: Editora UEMG, 2022. 468 p. Disponível em: <<https://editora.uemg.br/component/k2/item/226-veredas-e-re-configuracoes-da-formacao-docente>> Acesso em: 31 jan. 2022.

CASTRO, Luciana Maria Cerqueira. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: Reunião Anual da Anped, 27., Caxambu, 2004. **Anais...** Disponível em: <https://www.anped.org.br/sites/default/files/t1111.pdf> >. Acesso em: 31 jan. 2023.

CUNHA, Leonardo Ferreira Farias da; SILVA, Alcineia de Souza; SILVA, Aurênio Pereira da. O ensino remoto no Brasil em tempos de pandemia: diálogos acerca da qualidade e do direito e acesso à educação. **Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal**, Brasília, v.7, n.3, p. 27-37, ago. 2020.

DE PAULA, João Antônio. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces - Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 5–23, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/18930>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

DONA ODETE. **Banheiro** (vídeo). Disponível em: <https://youtu.be/iBa_udVTfWI>. Acesso em: 20 ago. 2019.

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T; FUSARI, Maria F, de Rezende. **Metodologia do ensino de arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

FERREIRA, José Heleno; AZEVEDO, Flávia Lemos Mota de. **Extensão universitária e a construção de um conhecimento emancipador: a experiência do Centro de Memória Professora Batistina Corgozinho**. Belo Horizonte: Universidade do Estado de Minas Gerais, 2019.

FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

FORPROEX - Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: <

<https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Pol%C3%ADtica-Nacional-de-Extens%C3%A3o-Universit%C3%A1ria-e-book.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

FORPROEX. I Encontro de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. UNB, Brasília, 1987. In: NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel (Org.). **Extensão Universitária: diretrizes conceituais e políticas** – Documentos básicos do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras 1987 – 2000. Belo Horizonte: PROEX/UFMG; 2000.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Educação com prática da liberdade**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1985.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011. Disponível em:

<https://www.paulofreire.org/download/boniteza_ebook.pdf>. Acesso em: 27 jul. 2022.

GADOTTI, Moacir. **Extensão universitária: para quê**. Instituto Paulo Freire, 2017.

Disponível em: <<https://www.paulofreire.org/noticias/557-extensao-Universit%C3%A1ria-para-qu%C3%A9>>. Acesso em: 11 out. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

LATERZA FILHO, Moacyr; Thiago Torres Costa Pereira (Org.). **Ações de Extensão**. Belo Horizonte: EdUEMG, 2020.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, v. 340, p. 1990, 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 2000.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2004.

LISBOA, Paulo Roberto. Obra de Paulo Roberto Lisboa é vendida para coleção particular na Alemanha [Entrevista concedida a] Luiz Otávio Meneghite. **Jornal Leopoldinense**, Leopoldina, Minas Gerais, 01 julho de 2016. Disponível em:

<https://leopoldinense.com.br/noticia/8388/obra-de-paulo-roberto-lisboa-e-vendida-para-colecao-particular-na-alemanha>. Acesso em: 11 de ago. de 2021.

LISBOA, Paulo Roberto et al. In: **Exposição Linhas Sensíveis**. Galeria da Escola Guignard, Belo Horizonte, 2019.

LISBOA, Paulo Roberto. **Obra de Paulo Roberto Lisboa é vendida para coleção particular na Alemanha**. [Entrevista concedida a] Luiz Otávio Meneghite. **Jornal Leopoldinense**, Leopoldina, julho de 2016. Disponível em:

<<https://leopoldinense.com.br/noticia/8388/obra-de-paulo-roberto-lisboa-e-vendida-paracolecao-particular-na-alemanha>>. Acesso em: 11 ago. 2021.

LOYOLA, Geraldo Freire; PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **Professor-artista-professor: Reflexões estéticas sobre o ensino-aprendizagem em Arte**. 2016. Tese (Doutorado) -

Programa de Pós-Graduação em Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MERCADANTE, Aloizio. **Pacto Nacional pelo Fortalecimento do Ensino Médio**. Brasília: MEC, v. 15, 2013.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução nº 7**, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014. Diário Oficial da União, 2018. Disponível em: <https://normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/view/CNE_RES_CNECESN72018.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2023.

MIRANDA, Alexandre Borges. **A criação da Universidade do Estado de Minas Gerais pela IV Assembleia Constituinte Mineira de 1988/89**. 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

MORAES, Ana Alcídia Araújo. Tarrafa de pescaria: o uso de carta na pesquisa. **Interface-Comunicação, Saúde, Educação**, v. 10, p. 169-184, 2006.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

NASCIMENTO JUNIOR, L.; REGINATO, V.; MELIANI, P.; MENEGON, F.; RIBEIRO, E. Popularização das informações a partir do canal do Youtube do projeto CORONAGIS: O papel da divulgação científica em tempos de pandemia. **Metodologias e Aprendizado**, v. 3, p. 176–183, 2020. Disponível em: <<https://publicacoes.ifc.edu.br/index.php/metapre/article/view/1360>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

NETTO, C.; SPAGNOLO, C.; FLORENTINO, J.; AMARAL, L.; ZANCAN, S.; PORTAL, L. L. F. Cartas: um instrumento desvelador que faz a diferença no processo educacional. **Educação Por Escrito**, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/11025>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. O Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras: um ator social em construção. **Interfaces-Revista de Extensão da UFMG**, v. 1, n. 1, p. 35-47, 2013.

NOGUEIRA, Maria das Dores Pimentel. **Políticas de extensão universitária brasileira**. Editora UFMG, 2005.

NÓVOA, Antônio. (Org). Formação de Professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. (Org). **Os professores e sua formação**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995, p.15-34.

NÓVOA, Antônio. Firmar a posição como professor, afirmar a profissão docente. **Cadernos de pesquisa**, v. 47, p. 1106-1133, 2017.

OGIBA, Sônia Mara Moreira. Direito à Educação, políticas de Estado: monitorando o PNE– Lei nº 13.005/2014. In: OGIBA, Sônia Mara Moreira (Org.). **Garantia do Direito à Educação monitorando o PNE Lei nº 13.005/2014**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018.

OLIVEIRA, José Clovis Pereira de et al. O questionário, o formulário e a entrevista como instrumentos de coleta de dados: vantagens e desvantagens do seu uso na pesquisa de campo em ciências humanas. In: III Congresso Nacional de Educação. Rio Grande do Norte. **Anais...**

2013. Disponível em: < <https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/21719>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

OSTETTO, Luciana Esmeralda; KOLB-BERNARDES, Rosvita. Modos de falar de si: a dimensão estética nas narrativas autobiográficas. **Pro-Posições**, v. 26, p. 161-178, 2015.

OSTROWER; Fayga. **Criatividade e Processos de Criação**. Petrópolis: Vozes, 1978.

PEREIRA, Fabrício Andrade. **Arte/educação: paradigmas do século XXI**. São Paulo: Annablume, 2014.

PEREIRA, Fabrício Andrade. **Arte-educação: emoção e racionalidade**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: Facisa, 2006.

PEREIRA, Fabrício Andrade. **O Conhecimento Epistemológico e o Conhecimento em Arte: Análise de paradigmas do século XXI sob enfoque transdisciplinar**. (Tese) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/JSSS-8QMLSH/1/tese_fabricio_andrade.pdf>. Acesso: 25 set. 2022.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Fruir, contextualizar e experimentar como possível estratégia básica para investigação e possibilidade de diversidade no ensino de arte: o contemporâneo de vinte anos. In: BARBOSA, Ana Mae.; CUNHA, Fernanda Pereira (Org.). **A abordagem triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. O ensino de arte e sua pesquisa: possibilidades e desafios. In: NAZÁRIO, Luiz; FRANCA, Patrícia. (Org.). **Concepções contemporâneas de arte**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. Processos artísticos como metodologia de pesquisa. **ouvirOUver**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 88–98, 2015. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/32707>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

REY, Sandra. **Por uma Abordagem Metodológica da Pesquisa em Artes Visuais**. In: Brites, Blanca; Tessler, Elida (Org.) **O Meio Como Ponto Zero: Metodologia da Pesquisa em Artes Plásticas**, 2002.

SAMPAIO, Helena. Evolução do ensino superior brasileiro. **Documento de Trabalho**, v. 8, p. 91, 1991.

SANTOS JUNIOR, Alcides Leão. **A extensão universitária e os entre-laços dos saberes**. Tese – Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/17554/1/A%20EXTENS%C3%83O%20UNIVERSIT%C3%81RIA%20E%20OS%20ENTRE-LA%20OS%20DOS%20SABERES.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2023.

SAVIANI, Demerval. **Escola e Democracia**. Campinas: Autores Associados, 1995.

SAVIANI, Dermeval; DUARTE, Newton (Orgs). **Pedagogia Histórico-Crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SOUZA, Jusamara. Arte no ensino fundamental. In: I Seminário Nacional: Currículo em Movimento-Perspectivas Atuais, Belo Horizonte. 2010. **Anais...** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=7171-3-7-artes-jussamara&category_slug=dezembro-2010-pdf&Itemid=30192>. Acesso em: 07 maio 2020.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2012.

TARDIF, Maurice. Saberes Profissionais dos Professores e Conhecimentos Universitários. **Revista Brasileira de Educação**, n. 13, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O(A) Sr(a). está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa de Mestrado intitulada *Artes Visuais e formação docente continuada em projetos de extensão*, desenvolvida por Shirley Beatriz de Castro Coury Corrêa, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Lucia Gouvêa Pimentel. Essa pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA/UFMG).

Esta pesquisa tem por objetivo investigar como as intervenções no campo das Artes Visuais propiciadas pelos artistas/professores nos projetos de extensão reverberam na formação dos participantes em relação às suas práticas docentes. A pesquisa justifica-se pelas demandas educacionais de uma sociedade cada vez mais complexa, desse modo, esse projeto pretende identificar como ações de artes visuais contribuem – ou não – em projetos de extensão de formação continuada de professores. O Sr(a). foi selecionado(a) para esta pesquisa porque participa de projetos de formação continuada de professores.

Sua participação não é obrigatória. A qualquer momento, o(a) Sr(a). poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará quaisquer prejuízos.

A pesquisa contribuirá, por meio da divulgação dos seus resultados e de forma indireta, para que outros projetos de extensão possam avaliar a possibilidade de incluir ações de Artes Visuais em seu escopo.

Para participar deste estudo o(a) Sr(a). não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o(a) Sr(a). tem assegurado o direito à indenização. O(a) Sr(a). receberá a assistência integral e imediata, de forma gratuita, pelo tempo que for necessário em caso de danos decorrentes da pesquisa.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder um questionário, por meio de plataforma online, a partir da assinatura desta autorização. O questionário tratará de temas como Artes Visuais, formação continuada e práticas docentes.

Ao participar da pesquisa, estará sujeito ao risco de, ao responder o questionário, escrever algo de que posteriormente se arrependa, ou ter alguma resposta sua associada a uma situação de constrangimento. Para minimizar esse risco, os trechos onde constar a transcrição de respostas

suas no questionário serão apresentados para o(a) Sr(a)., para que possa decidir pela exclusão do da citação ou parte dela.

As pesquisadoras se comprometem a tornar públicos nos meios acadêmicos e científicos os resultados obtidos, identificando sempre as falas e elaborações de sua autoria em artigos publicados e na tese resultante da pesquisa.

Caso o(a) Sr(a). concorde em participar desta pesquisa, assine ao final deste documento, que possui duas vias, sendo uma delas sua e a outra das pesquisadoras. Além de assinado pela pesquisadora e pelo(a) participante, o documento será rubricado em todas as suas páginas. Mesmo que o(a) Sr(a). tenha uma das vias assinadas, a qualquer momento, poderá solicitar, às pesquisadoras, uma cópia deste termo assinado.

Seguem os contatos das pesquisadoras, por meio dos quais o(a) Sr(a). poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação nele, agora ou a qualquer momento.

Nome: Shirley Beatriz de Castro Coury Corrêa

E-mail: shirleycoury2009@hotmail.com

Telefone: (31) 992960074

Endereço: Rua Baependi 99, Santo André, Belo Horizonte, Minas Gerais. CEP: 31210-500

Nome: Lucia Gouvêa Pimentel E-mail: luciagpi@ufmg.br

Telefone: (31) 3409-5284

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais.

Escola de Belas Artes da UFMG. CEP: 31270-901

A seguir, os contatos da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, que poderá ser contatada em caso de dúvidas éticas. A CONEP tem a função de normatizar e regulamentar pesquisas envolvendo seres humanos, e atua conjuntamente com uma rede de Comitês de Ética em Pesquisa, os CEP, sediados nas Universidades ou outras instituições de pesquisa.

Endereço da CONEP: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte.

CEP: 70719-040, Brasília-DF

Telefone: (61) 3315-5877

E-mail: conep.cep@saude.gov.br Horário de atendimento: 08h às 18h

Horário de atendimento *on line*: 08h às 20h

Seguem os contatos do Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) da UFMG:

Endereço: Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais.
Unidade Administrativa II, 2º andar, sala 2005.

Telefone: (31)3406-4592

E-mail: coep@prpq.ufmg.br

Horário de atendimento: 09:00 às 11:00 / 14:00 às 16:00

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e que concordo em participar.

_____, _____ de _____ de _____.

Nome do(a) participante de pesquisa:

Assinatura do(a) participante de pesquisa

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B – Questionário

ARTES VISUAIS E FORMAÇÃO DOCENTE CONTINUADA EM PROJETOS DE EXTENSÃO

Caro/a participante.

Meu nome é Shirley Beatriz de Castro Coury Corrêa e sou aluna do Mestrado em Artes na Escola de Belas Artes da UFMG, tendo como orientadora a Profa. Dra. Lucia Gouvêa Pimentel. Minha pesquisa investiga as ações de Artes Visuais na formação de professores e, caso você tenha participado da formação continuada, eu gostaria de contar com sua ajuda no sentido de responder o questionário abaixo. Este é um convite e sua participação na pesquisa não é obrigatória. Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Minha pesquisa tem por objetivo investigar a relação das ações de Artes Visuais do projeto de extensão FIC no Campus/ UEMG com a formação docente, identificando como ocorre esse processo. Para participar da pesquisa, você deve atuar como participante no projeto FIC no Campus/UEMG. Se optar por participar da pesquisa, peço que preencha o questionário com respostas relacionadas ao referido projeto. Não é necessário que se identifique, sendo a identificação opcional, mas é importante, para mim, que responda ao questionário. Se você se identificar, pode optar por ter seu nome divulgado ou não.

Desde já agradeço sua colaboração para a pesquisa em ensino/aprendizagem em Arte.

1. *Marcar apenas uma oval.*

Sim, li o TCLE e quero participar da pesquisa

Não quero participar da pesquisa

2. Nome

3. Nome de onde trabalha

4. Como você ficou conhecendo o projeto FIC/UEMG? (Marque quantas alternativas quiser) *

Marque todas que se aplicam.

Mensagem por e-mail

Um/a colega me avisou

Notícia na mídia

Vi no site da UEMG

Outro: _____

5. Qual foi a demanda que levou você a realizar a formação continuada neste projeto de extensão? *

Marque todas que se aplicam.

Aprender mais

Fui obrigado/a a participar

Passar o tempo

Conhecer outras pessoas

Outro: _____

6. Você está acostumado/a a ir a exposições ou a eventos artísticos? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

7. Ocorreram transformações na sua prática docente depois do envolvimento com o projeto? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

-
8. Se sim, por favor, relate quais foram as transformações. *

Marcar apenas uma oval.

- Não percebi transformações.
- Outro: _____

9. As ações de Artes Visuais foram importantes para a construção de conhecimentos no projeto de extensão? Justifique. *

10. Em 2020 as atividades do projeto foram remotas e nos anos anteriores foram presenciais. Relate um pouco da sua experiência em relação às atividades presenciais e às atividades remotas. *

11. Caso você queira declarar alguma coisa sobre o projeto de extensão FIC no Campus/UEMG, que não está contemplada nas questões anteriores, escreva abaixo.

12. Agradeço mais uma vez sua colaboração. Deixe seu e-mail aqui, caso tenha interesse em receber o retorno sobre a pesquisa (opcional).
